



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Luciana de Souza Zumsteín

**Recursos mediacionais: possibilidades de utilização para identificação de
estressores em pré-escolares**

**UBERLÂNDIA
2009**

Luciana de Souza Zumsteín

Recursos mediacionais: possibilidades de utilização para a identificação de estressores em pré-escolares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Dr^a Celia Vettore

UBERLÂNDIA
2009

Z94r Zumstein, Luciana de Souza, 1970-
 Recursos mediacionais [manuscrito] : possibilidades de
 utilização

 na identificação de estressores em pré-escolares / Luciana de
 Souza Zumstein. - 2010.

 96 f. : il.

 Orientadora: Célia Vectore.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
 Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
 Inclui bibliografia.

 1. Stress em crianças - Teses. I. Vectore, Célia. II.
 Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
 Graduação em Psicologia.
 III. Título.

 CDU: 159.944-
053.2

Agradecimento especial

Gostaria de agradecer de forma especial a minha orientadora, Dr^a Célia Vettore, pela dedicação, pelo apoio, pela abnegação, pelo profissionalismo, pela coragem em arriscar, pela competência e pelas tantas outras qualidades que se fizeram presentes neste trabalho. Estar ao seu lado durante este longo período possibilitou-me conhecer um pouco mais da pessoa que é, da professora que, como mediadora, respeitando os meus muitos limites, expandiu minhas possibilidades. As palavras limitam agora o imenso carinho, afeto e admiração que tenho por você, sobretudo por fazer parte deste grande sonho que se torna realidade.

Agradeço também...

A Deus, pelas coincidências transformadas em graças e oportunidades.

Aos meus pais, Francisco e Eleuza, que, pelo carinho, amor e exemplo me ensinaram a ser a pessoa que sou hoje. Com vocês divido a felicidade de minha realização pessoal.

Ao meu irmão, Daniel Zumstein, hoje fonte de luz, por me ensinar o valor da serenidade e o sentido da palavra saudade.

Ao meu esposo Aparício, pelo apoio incondicional, pelo carinho, pela presença e respeito a meus sonhos e desejos de crescimento. Obrigada por fazer parte da minha vida.

A meu filho Otávio, cuja existência vem acompanhando esta trajetória desde o princípio me ensinando o tempo de viver, de sorrir, de amar e o tempo de descansar.

A minha amiga Adriana, cuja amizade nascida em meio aos estudos fez conhecer o talento de suas mãos e alma.

As minhas amigas Elaine e Luma, pela ajuda tão necessária.

Aos amigos Marquinho e Gilson, pelas tantas vezes em que, com paciência, atenderam meus chamados.

À coordenadora e aos funcionários da creche, pelo sorriso, atenção e respeito ao meu trabalho.

Às crianças, que me encantam pela espontaneidade e pela sabedoria presente em tão poucos anos vívidos de sua infância.

Aos professores e funcionários do Curso de Pós-Graduação, pela grandiosidade de seu trabalho.

Ao Prof Dr. Sinésio pelo carinho presente nas palavras de incentivo.

A Profa. Dra. Eulália e a Profa. Dra. Lucia Helena cujas presenças marcaram este momento de defesa pela grande sabedoria.

A todos aqueles que, ao meu redor, no anonimato participaram e torceram por mim .

Aos meus alunos, que motivam meu desejo de aprender.

À FAPEMIG, por oportunizar a realização deste trabalho.

RESUMO

Recursos mediacionais: possibilidades de utilização para identificação de estressores em pré-escolares.

Compreender aspectos relacionados ao estresse infantil, pelo uso de recursos mediacionais, foi o objetivo do presente estudo. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com as mães de pré-escolares, além da aplicação da Escala de Fontes Estressoras na criança sobre estresse na infância. Para a coleta de dados junto às crianças, foram organizadas oficinas e foi elaborado um instrumento, denominado “Deu estresse na bicharada!”, contendo uma história com tema relacionado ao estresse e um tapete com os personagens da referida história. Tal instrumento assumiu a natureza de um recurso mediacional; pesquisadoras foram orientadas pelos critérios mediacionais, contidos no *Mediated Intervention for Sensitizing Caregivers- MISC*, a saber: focalização; expansão; mediação do significado; recompensa e autorregulação. Após a realização das entrevistas com as mães e das oficinas com as crianças, que foram videogravadas, procedeu-se à transcrição e à pontuação da escala aplicada. Os resultados obtidos por meio da escala com as mães indicaram uma alta possibilidade de as crianças participantes estarem vivenciando situações estressantes, com grande possibilidade de adoecimento físico e psíquico. Contudo, ao se analisarem os dados obtidos junto às crianças, observou-se uma incongruência entre tais achados, haja vista que, das dezesseis crianças participantes, apenas uma apresentou sintomatologia indicativa de estresse. Outro achado do estudo foi decorrente da possibilidade de utilizar o instrumento elaborado como uma forma de conhecer o que as crianças sabiam sobre o estresse e, ao mesmo tempo, intervir, possibilitando a expressão da criança de várias problemáticas indicativas de estresse. A pesquisa foi realizada com dezesseis crianças, na faixa etária de quatro a cinco anos. É importante esclarecer que o instrumento mostrou-se pertinente para ser aplicado com as crianças de cinco anos; com as menores, há necessidade de novos estudos para a implementação adequada do material. Novos estudos também deverão ser efetivados, buscando compreender a dissonância dos dados das mães com os obtidos pelas crianças. Nesse sentido, talvez seja interessante veicular para o público o que é realmente um indicador de estresse e o que é esperado em termos de desenvolvimento humano na infância.

Palavras-chave: Criança, critérios mediacionais, estresse.

ABSTRACT

Mediating resources: possibility of using for identifying stressors in pre-school children.

This study aims to understand aspects related to children stress through the use of mediating resources. In order to achieve that goal, semi-structured interviews with pre-school children's mothers were carried out, besides applying the stressors sources scale to the child under childhood stress. To perform the collection of data from the children, workshops were organized and a tool called "The beasts are under stress" was designed, containing a story whose theme was related to the stress, and a mat with the story characters; that tool assumed the nature of a mediating resource and the researchers were trained under the mediating criteria, present in "Mediated Intervention for Sensitizing Caregivers - MISC, such as: focusing, expansion, meaning mediation, reward and self-regulation. After the interviews with the mothers and the workshops with the children were performed and recorded, the transcription and grading of the applied scale was done. The results obtained through the scale with the mothers indicated a high possibility of the participant children to be undergoing stressing situations with strong possibility of psychic and physical illness. However, after analysing the data obtained from the children, some incongruity between the data was noted, since only one of the sixteen participant children showed some symptoms of stress. Another finding of this study came from the possibility of using the designed tool as a form of finding out what the children knew about the stress, and, at the same time intervene to enable the child to express the several indicative form of stress. The research was conducted with 16 children around 4 or 5 years old. It is important to clear that the referred tool was adequate to be used with the five-year-olds, whereas the youngers needed new studies for the adequate implementation of the material. New studies will also have to be carried out to understand the dissonance between the mothers' data and the children's ones. In this sense it is worth showing to the public what a stress indicator really is and what is expected in terms of human development in childhood.

Key words: child, mediating criteria, stress

SUMÁRIO

Introdução	13
1. Apontamentos sobre o Estresse Infantil	17
2. A expressividade infantil mediada: possibilidades para a compreensão de quadros de estresse na infância	23
3. Recursos Mediacionais: confeccionando os instrumentos para a compreensão do estresse em crianças	27
Apontamentos acerca da história	29
Método	42
1. Participantes	43
A) Crianças	43
B) Mães	49
2. Instrumentos	51
Resultados	54
1. Dados oriundos das entrevistas com as mães	55
2. Dados oriundos das observações na instituição	57
3. Dados oriundos das oficinas com as crianças	58
Oficina 1	58
Oficina 2	60
Oficina 3	61
Discussão	67
Considerações Finais	76
Referências	83
Apêndice	89
Anexo	94

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 A família	30
Figura 2 O leão	31
Figura 3 A coruja.....	32
Figura 4 O macaco.....	33
Figura 5 O pato	34
Figura 6 A foca e sua família	35
Figura 7 A girafa	36
Figura 8 O jacaré	37
Figura 9 O elefante	38
Figura 10 A oncinha e sua família.....	39
Figura 11 O cenário	40

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição das crianças, segundo a média de idade dos grupos	43
Tabela 2 Distribuição das mães, segundo a faixa etária	50
Tabela 3 Distribuição das mães, segundo a escolaridade	50
Tabela 4 Distribuição das mães, segundo a profissão	50
Tabela 5 Fontes de estresse apresentados pelas mães	55
Tabela 6 Grau de probabilidade de ocorrência de problemas de saúde nas crianças participantes.....	56
Tabela 7 Indicadores de estresse das crianças participantes, apontados pela Escala de fontes estressoras na criança (Lipp, 2005)	57
Tabela 8 Critérios mediacionais utilizados pela pesquisadora junto às crianças	66

Introdução

A infância, em especial o estágio de vida pré-escolar, exige uma ampla variedade de cuidados, que vão desde aspectos mais elementares, como saúde e educação, até preocupações com o desenvolvimento da subjetividade infantil, que se encontra intimamente atrelada ao modo pelo qual as crianças vivenciam e representam a realidade. Contudo, o que é ser criança na contemporaneidade? Quais as suas demandas? Como entender o desenvolvimento, em que as idiossincrasias da infância parecem ser a cada instante, substituídas por exigências próximas às enfrentadas pelos adultos?

Responder as questões elencadas não é uma tarefa simples, haja vista a necessidade de se considerar a multiplicidade de fatores que envolvem a construção de seres humanos em uma sociedade complexa e acelerada. O cotidiano agitado das grandes cidades demanda um tempo menor para cumprir cada vez mais obrigações. Há a competitividade exacerbada e a pressão contínua por melhores *performances*, indicadores que permeiam o universo dos terráqueos nessa primeira década do século XXI. Há novos arranjos sociais, novas formas de constituição de famílias e novos modos de interação, em que o contato pessoal é substituído pelo virtual, enfim há novas formas de adoecimento físico e psíquico, a gravitarem no universo da criança pequena.

Vale constatar que o próprio conceito de infância passou por uma série de modificações, ao longo dos tempos, indo de um completo descaso, no passado, a um amplo reconhecimento acerca de sua importância, no presente. Áries (1981) menciona que, na Idade Média, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, não lhes sendo dedicado nenhum cuidado específico nesse estágio de vida. Tal fato pode ser observado, por exemplo, pela iconografia da época: o pintor Velásquez, ao retratar “As meninas” (1656) evidencia a semelhança de suas vestimentas com a dos adultos (Martins, 1998).

Já no século XVIII, ainda persistia o descaso para com a infância e um dos principais indicadores foi o alto índice de mortalidade infantil, acrescido da expectativa de vida de cerca de quatorze anos de idade. A morte era considerada uma fatalidade e não uma tragédia e as crianças eram substituídas por outras, a ponto de não representarem grandes perdas para os pais (Ramos, 2008; Scarano, 2008). No século XIX, a infância é identificada pelo período, no qual a fala é ausente ou inexistente (Mauad, 2008).

No século XX, desembocam as contribuições oriundas da Educação, da Psicologia, da Medicina e de outras áreas que lançam luzes sobre a especificidade do desenvolvimento e aprendizagem da criança pequena. Tais contribuições se refletem, em território brasileiro, em recomendações e regulamentações visando à proteção da infância e da adolescência (Vectore, 1992). Contudo, o reconhecimento da importância do período de zero a seis anos para a constituição humana, alardeada pelas publicações acadêmicas e disponíveis a um número cada vez maior de leitores, não se traduziu em medidas eficientes e eficazes, promotoras de melhor qualidade de vida para a criança em desenvolvimento.

Temáticas como o trabalho infantil ainda persistem em várias partes do mundo e, segundo Souza e Fernandes (2003), é visto por algumas famílias como possibilidade de ampliação da renda familiar, quer por necessidade, quer como forma de exploração da energia, do corpo e da mente infantis. Assim, a infância na contemporaneidade é marcada por um interessante paradoxo, tendo, de um lado, o reconhecimento da especificidade desse período de vida, em que uma série de estruturas mentais está em franco desenvolvimento e, de outro, observam-se fenômenos como o já descrito trabalho infantil e o contínuo encurtamento do tempo dedicado às brincadeiras e outras linguagens próprias da infância, em prol da preparação das crianças, para um futuro mercado de trabalho. Rocha (2002) acrescenta que a inserção social da criança e a maior atenção dada à infância não implicam o direito à infância, pois para muitos, ainda se trata de um período preparatório para a fase adulta.

É interessante observar que, as agendas das crianças estão cada vez mais similares às dos adultos. Há vários compromissos a serem cumpridos, como aulas variadas, ao longo do dia, o que denota a opção por dar importância a essa etapa da vida, considerada como preparatória para o mundo adulto. Nesse sentido, Bignotto (2005) pondera que os pais, pensando no bom desempenho profissional futuro de seus filhos, desenvolvem grandes expectativas nas atividades desempenhadas pelos mesmos. Assim, um simples jogo de futebol passa a significar uma grande competição e a criança se vê valorizada apenas pelo que faz, pelo sucesso que obtém.

Lipp (2000) considera que não só adultos, mas as crianças também sofrem por apresentarem uma ambição exacerbada, capaz de causar desequilíbrio emocional e baixa autoestima, haja vista que vivenciam o desrespeito ao seu próprio ritmo, ao tempo livre, ao tempo para brincar, às atividades não programadas que se tornam fontes geradoras de estresse. Horta (2007, p. 123) enfatiza a pertinência de se dispor de “informações que possam ser úteis ao diagnóstico, à compreensão e ao manejo do estresse em crianças pré-escolares, em decorrência das poucas possibilidades e capacidades para lidar com o grande número de fontes de estresse às quais estão expostas”.

Assim, o objetivo do presente estudo foi elaborar e verificar a pertinência de um instrumento mediacional, utilizado para avaliação de estressores em crianças de quatro a seis anos, oriundas de instituições infantis.

1. Apontamentos sobre o Estresse Infantil

Atualmente, é muito comum ouvir-se a palavra estresse, utilizada em diferentes contextos e situações, sugerindo certo esvaziamento do que, na verdade, trata-se de um quadro de estresse. Fontana (1994) argumenta que definir a palavra estresse não é fácil, por ser um termo usado por diferentes profissionais com significados diversos. Os médicos se referem aos aspectos fisiológicos, os engenheiros, à resistência, os psicólogos, às mudanças de comportamento.

Lipp e Novaes (2003) apontam que o termo estresse foi utilizado por Selye em 1956. Hans Selye, estudante de Medicina, ao buscar entender o mecanismo do adoecimento, foi quem, primeiramente, fez referência à palavra estresse, ao pesquisar as reações não específicas ou não esperadas do organismo.

Selye empregou o termo estresse, que é utilizado na engenharia, para quantificar o peso que um objeto pode suportar até se alterar. Guimarães (2003) refere-se a eventos estressores como provocadores de estresse e que podem ser categorizados em eventos sociais, físicos, emocionais, neuropsicológicos, além daqueles que conferem uma predisposição biológica, em que o indivíduo responde de forma negativa a um acontecimento e faz parte da aprendizagem na infância. Assim, há uma relação do estresse com fatores internos e externos.

Contudo, Simmnos (2000) alerta que o estresse não é gerado apenas por fatores considerados “negativos”, como as doenças e acidentes, as perdas significativas e as mudanças abruptas, pois, no seu entender, o estresse pode ser originado por situações excitantes, que levam o organismo a um estado de exaustão, devido ao grande número de eventos orgânicos e emocionais, inerentes ao episódio, causando esgotamento físico e mental, devido à necessidade de adaptação do organismo. Portanto, o estresse pode ser definido como uma reação de adaptação a qualquer demanda e requer reajuste para restabelecer o equilíbrio.

Para Lipp “o estresse é uma reação do organismo diante de situações ou muito difíceis ou muito excitantes, que podem ocorrer em qualquer pessoa, independentemente de idade,

raça, sexo e situação socioeconômica.” (Lipp, 2000: 16). A autora ainda menciona que as possibilidades de enfrentamento de quadros com estressores dependem de variáveis da própria pessoa, como o estágio de vida em que se encontra e as características de sua personalidade.

Aguiar, Vieira, Vieira, Aguiar e Nóbrega (2009) evidenciaram a prevalência de quadros de estresse em estudantes de Medicina do gênero feminino e estrangeiro, concluindo que a presença ou não de sintomas está associada à ocupação profissional e à questão de gênero.

Selye dividiu a síndrome do estresse em três fases, sendo a primeira denominada de *fase de alerta*, que inclui sensações como sudorese excessiva, taquicardia, respiração ofegante, entre outras; na segunda, há a *resistência*, em que o organismo realiza tentativas de recuperação do equilíbrio, havendo grande gasto de energia com sinais de cansaço excessivo, esquecimentos etc.; e, na terceira, tem-se a *exaustão*, que se caracteriza com o agravamento dos sintomas físicos, assumindo a forma de doenças (Lipp e Novaes, 2003).

Vieira (2002) enfatiza que a permanência do fator agressivo, na fase de exaustão, torna o organismo suscetível a várias enfermidades, como irritabilidade excessiva, depressão, baixa autoestima, aumento do colesterol, predispondo-o a doenças mais graves (gastrite, úlceras, infarto, hipertensão, câncer, acidente vascular cerebral, asma brônquica, depressão e doenças autoimunes). Lipp (2000) sugeriu a existência de uma fase intermediária entre as de resistência e de exaustão, que se caracteriza pelo estado de *quase-exaustão*, em que o indivíduo não encontra mais forças para superar os agentes estressores, apresentando uma série de comportamentos, como falta de interesse, apatia, cansaço extremo, além de maior propensão ao desenvolvimento de doenças que, embora não tão graves, podem enfraquecer o estado físico e mental, na tentativa da reação para a adaptação.

Rangé (2004), apoiando-se em Beck, afirma que as cognições desenvolvidas pelos indivíduos também podem estar associadas aos diferentes níveis de estresse, principalmente

quando se baseiam em crenças negativas a respeito de si mesmo, do mundo e do futuro. Tais cognições podem ser aprendidas por meio das experiências individuais, a partir de crenças básicas aprendidas ou das interpretações a que são submetidos, ao longo dos acontecimentos de sua existência.

Os quadros de estresse estão cada vez mais presentes na rotina das pessoas e têm-se tornando preocupantes, devido à relação existente entre a saúde física e mental ou à sua falta e a submissão contínua do organismo a fatores intensos e permanentes de estresse, que podem originar e favorecer o desenvolvimento de várias doenças psicossomáticas; entre elas, o câncer pode ser usado como exemplo, pois o organismo perde a capacidade de evitar que “células defeituosas”, produzidas normalmente pelo próprio corpo, sejam eliminadas pelo sistema imunológico e, assim, reproduzam-se desordenadamente, formando grupamentos celulares que recebem o nome comum de tumores (Simonton; Simonton e Creighton, 1987).

Desse modo, o estresse dificulta o trabalho das sentinelas naturais do corpo humano e, por isso, há o processo de adoecimento. Em períodos de tensão, há uma debilidade orgânica que propicia o aparecimento de doenças consideradas oportunistas, como as gripes e resfriados, além do desencadeamento de patologias já presentes na linha genética do indivíduo, como a hipertensão, a psoríase, o vitiligo, as doenças cardíacas, as dermatites, entre outras mais, como menciona Lipp (2005). Moreira, Lima, Sousa e Azevedo (2005) demonstraram que o estresse pode estar associado à infertilidade feminina, pelo efeito que os componentes estressores têm sobre o eixo hipotálamo-hipofisário e ovulatório, impedindo a ovulação e, conseqüentemente, a gravidez.

McEwen (2003) compara as situações estressantes, sob as quais vivia o homem primitivo, como uma preparação do organismo a uma ameaça real, que o levava para lutar ou a fugir. Contudo, acrescenta que, hoje, as situações deflagradoras dessa reação não

apresentam fugir ou lutar como opções, pois a forma de o corpo se preparar, mobilizando energia em função do mecanismo do estresse não resulta na solução do problema.

Assim, as situações que se repetem de forma crônica ativam os principais sistemas do corpo, fazendo com que se volte contra si. É interessante constatar que tais sistemas podem ser ativados por meio da imaginação de uma situação supostamente ameaçadora e serem capazes de deflagrar a reação ao estresse, tornando o organismo suscetível ao adoecimento. McEwen (2003) justifica o estudo do estresse pela inespecificidade das reações e situações que o deflagram, dependentes até mesmo de características pessoais já mencionadas por Lipp (2003).

A despeito da abrangente literatura acerca de estudos sobre estresse em humanos, apenas em um passado recente foi possível detectá-lo em crianças, no contexto brasileiro, a partir dos seis anos de idade, por meio dos estudos de Lipp (2000). De acordo com a referida autora, o estresse infantil é pouquíssimo conhecido, sendo difícil encontrar pesquisas, tanto no Brasil como em outros países. Franca e Leal (2003) alertam para o fato de que o problema do estresse infantil é tão abrangente que chega a mobilizar oito em cada dez consultas pediátricas, de acordo com o Instituto Americano de Stress (1998), situado em Nova Iorque.

Atrelado ao fato acima mencionado, tem-se que as crianças estão continuamente expostas a uma estimulação excessiva, propiciada pelo tecnicismo atual, estimulação que não é devidamente mediada, o que resulta em apatia da psiquê, conforme denuncia o psicólogo italiano Galimberti (2007). Slee, Murray-Harvey & Ward (1996) identificaram eventos estressantes, em um estudo com crianças de cinco anos de idade, na seguinte ordem: hospitalização dos pais; separação dos pais; exigências disciplinares; hospitalização da criança; sequestro de membro da família; mudança de residência; ausência dos pais; morte de familiar; presenciamento de dificuldades de relacionamento dos pais; nascimento de irmão e mudança de emprego dos pais.

Para Lipp (2005), as causas de estresse nas crianças, a partir dos seis anos de idade, estão relacionadas a: morte na família; brigas constantes e separações dos pais; mudança de cidade ou escola; escolas ruins; professores inadequados; atividades em excesso; viagens longas; espera de um acontecimento importante, entre outras.

Bignoto (2005) alerta para a relação entre estresse infantil e estresse no adulto, em que a presença de pessoas estressadas em torno da criança deve ser considerada como fator importante, pois uma pessoa estressada pode apresentar irritação, hipersensibilidade, falta de paciência, intolerância e mal-estar físico e o estresse pode interferir na qualidade de suas interações com a criança. Nesse sentido, recomenda avaliar o nível de estresse dos adultos que cuidam da criança, não apenas os pais, mas também os professores. O estresse do adulto pode provocar o desencadeamento de um quadro de estresse na criança, constituindo, assim, um desconfortável e crescente círculo vicioso.

Segundo Lipp (2005), são tantas demandas oriundas do mundo adulto, que os pais têm cada vez mais exigido das crianças carinho, obediência, disciplina em relação aos horários, aos afazeres. Assim, o que antes acontecia de forma espontânea, fruto da dinâmica da vida e do crescimento, passou a ser motivo de cobranças e geração de ansiedade. Como algumas crianças não encontram formas de lidar com tais situações, podem apresentar um quadro de sofrimento psíquico.

Tavares (2004:25) aponta que “pertencer e participar de um mundo externo além do nosso mundo interno implica conviver constantemente com uma dose de estresse. O estresse sob medida é um elemento vinculado ao processo de desenvolvimento”. Assim, o estresse funciona como uma força que tanto pode facilitar como prejudicar o desenvolvimento, em que a energia vital dos impulsos deverá encontrar um caminho a despeito do estresse.

Lipp (2005) identifica que a morte de pais ou de irmãos constitui um evento de grande intensidade de estresse para a criança, por exigir grande dose de adaptação, já que haverá

mudanças significativas em sua vida. Contudo, Franca e Leal (2003) ressaltam que situações de mudança fazem parte do desenvolvimento evolutivo normal e previsível tanto da criança quanto do adolescente e que, portanto, já constitui uma fonte de estresse, como o fato relativo às alterações corporais, as mudanças na alimentação, escola, entre outros.

McFarlane, Clark, Bryant, Williams, Niaura, Paul, Hitsman, Stroud, Alexander, Gordon (2007) evidenciaram a possível relação entre o estresse na infância e adversidades na vida adulta, representadas por anormalidades na atividade elétrica cerebral, problemas de personalidade, vulnerabilidade ao uso abusivo de substâncias químicas, ansiedade e depressão. Todavia, reconhecer e medir o estresse pode ser possível, a partir das alterações fisiológicas, por meio de técnicas eletrodérmicas, eletromiográficas, medidas cardiovasculares, medidas do nível neuroendócrino (como catecolaminas derivadas de amostras do plasma, da urina e da saliva), entre outros (Lipp, 2000). Na prática, essas avaliações são difíceis de serem executadas, devido à falta de profissionais, de equipamentos e, em se tratando de crianças, há a dificuldade para que elas aceitem tais procedimentos. Há, ainda, outros fatores que dificultam o diagnóstico de quadros de estresse em crianças, principalmente pela dificuldade que elas têm para descrever seus sentimentos e, além disso, pelo fato de o estresse poder ser confundido com outras patologias (Lipp, 2003).

A ciência psicológica tem contribuído com instrumentos de medida do estresse, entre eles podem ser citados a “Escala de Stress Infantil” - ESI, de Lipp e Lucarelli (1998) e a “Escala de Stress do Adulto” - ESA, de Lipp (2003). Fontana (1994) divulgou, no livro *Estresse*, uma escala construída a partir da análise de 5.000 prontuários de pacientes, feita pelos médicos americanos Thomas Holmes e Richard Rahe, que se relaciona com o ajustamento social e identificação de estresse.

Simmons (2000) também elaborou um questionário para avaliação de aspectos relacionados ao estresse, porém na fase adulta, no qual as respostas recebem uma

quantificação final. O questionário tem o objetivo de levar o indivíduo a detectar o nível de tensão ao qual está submetido e relaciona-se, principalmente, com tensões no ambiente de trabalho.

Santos e Pacanaro (2007) ressaltam que a Escala de Stress Infantil (ESI), criada por Lipp e Lucarelli (1998) constitui o principal instrumento usado por pesquisadores para avaliação do estresse infantil. Entretanto, o instrumento só identifica quadros de estresse a partir de seis anos, denotando a necessidade de se empreenderem novos estudos para a avaliação de crianças mais jovens, pois trabalhos como o de Horta (2007) já identificaram indicadores de estresse em crianças pré-escolares.

2. A expressividade infantil mediada: possibilidades para a compreensão de quadros de estresse na infância

*...Com um lápis na mão eu lhe dou uma luva
E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva...
(Toquinho¹).*

A utilização da expressividade, por meio de diferentes linguagens disponíveis para a interação humana, já aparece há algum tempo, nos estudos e trabalhos científicos objetivando, principalmente, a saúde mental dos indivíduos. Nesse sentido, vale lembrar o trabalho pioneiro e inovador realizado com portadores de sofrimento mental pela psiquiatra Nise da Silveira (2001). Nesses estudos, as pessoas demonstram sua trajetória de conflitos e as expressam por meio de desenhos, pinturas e esculturas, além de outras produções manuais.

Coutinho (2007) mostra que a expressividade artística foi, em vários momentos da história da humanidade, utilizada para fins terapêuticos. Oaklander (1980) utiliza diversos

¹ PECCI FILHO, Antônio (TOQUINHO); MORAES, Vinicius de; MORRA, G.; FABRIZIO, M. **Aquarela**. Rio de Janeiro: Som Livre:2006

materiais artísticos como recursos terapêuticos, entre eles, a produção do desenho. A autora ressalta a importância de discorrer com a criança sobre sua produção gráfica o que impede conclusões equivocadas a respeito de seu estado psicológico, ao se analisar apenas o espaço ocupado pelo desenho no papel, as cores e o próprio desenho em si.

Katz (1999) relata que as crianças de três ou quatro anos, não sendo capazes de representar bem suas observações e pensamentos por escrito, utilizam as linguagens gráficas para registrarem suas ideias, observações, recordações, sentimentos. Além disso, as crianças também “leem” as representações visuais de seus próprios desenhos e dos de outras crianças. Assim, passam a ser compreendidas pela sua expressividade e criatividade.

Lowennfeld e Brittain (1977) concebem a criança como um ser dinâmico que, ao se expressar, pode comunicar o seu pensamento. Nesse sentido, chamam a atenção para o fato de que a capacidade de procurar e descobrir respostas, por meio da expressividade é o que constitui as verdadeiras experiências que a arte proporciona. Greig (2004) identifica, nos estudos sobre desenhos de crianças, que eles seguem uma evolução, que acompanha a história da arte como se fossem estágios pelos quais todas as crianças passam e que foram mostrados pelos povos primitivos até o domínio da escrita.

Campos (1995) realça a utilização do desenho como técnica expressiva e de investigação de diversos aspectos relacionados às fases do desenvolvimento psicológico, as medidas de inteligência, a motricidade, o traço e uso da mão, espaço, percepção visual, forma, expressão, caráter, tipos, jogos, psicopatologia. Lipp (2005) menciona a utilização de desenhos e brincadeiras como procedimentos para observação e ajuda à criança submetida a situações de estresse.

O estudo realizado por Góis (2006) utilizou as narrativas e a ludicidade para a identificação e tratamento do estresse em uma criança de sete anos de idade. Desse modo, o

uso de perguntas, de histórias e de expressões plásticas tem a função de gerarem a experiência, a ressignificação e narrativas alternativas àquelas que apresentam problemas.

As narrativas se constituem como formas expressivas passíveis de serem utilizadas em todos os estágios da vida humana e com inúmeras finalidades, entre elas a compreensão dos acontecimentos, dos problemas e das dificuldades da vida (Ribeiro, 2007). Todavia, para que a criança possa efetivamente expressar-se, utilizando as cem linguagens à sua disposição (Malaguzzi, 1994), é fundamental a presença de um mediador que possibilite o aflorar da zona de desenvolvimento próximo, conforme entendida por Vygotsky.²

Vygotsky (2002) enfatiza que a criança, em seu processo de desenvolvimento, pode relacionar-se com os objetos de forma indireta, facilitada por um mediador e também pelos sistemas simbólicos criados a partir do real e convencionados dentro de um contexto sócio-histórico. Dessa forma, a linguagem, sendo um sistema simbólico criado pelo homem, constitui um poderoso instrumento para a formação de conceitos e estruturação do pensamento, por evocar e representar o real, além de se interpor entre o sujeito e o objeto, facilitando a construção do conhecimento.

A utilização de histórias visando à compreensão de alguns aspectos do universo infantil, por meio de intervenções mediadas, já tem sido pesquisada em nosso meio e os resultados preliminares mostram a importância de se dispor de recursos especialmente elaborados para crianças pequenas e capazes de serem mediados pelos adultos (Vectore e Carvalho, 2009).

Nesse sentido, o trabalho de Feuerstein (1980) é de grande valia, pois realçou o papel da mediação no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança, por meio da modificabilidade cognitiva e da Experiência da Aprendizagem Mediada. A partir de seus estudos, Klein (1996) elaborou o programa de Intervenção Mediacional para um Educador

² *Zona de Desenvolvimento Próximo* trata-se de um conceito elaborado por Vygotsky, que se refere a toda ação da criança realizada com auxílio de outrem. Já o que ela consegue fazer sozinha é o que está na *zona de desenvolvimento real*.

mais Sensível (MISC), que contém cinco critérios para uma mediação de qualidade: *a focalização*; *a expansão*; *a mediação de significado*; *a recompensa* e *a regulação do comportamento*. Esses critérios mediacionais podem ser definidos como:

Focalização: inclui todas as tentativas do mediador para assegurar que a criança focalize a atenção em algo que está ao redor dela. Deve estar clara a indicação da intencionalidade do adulto para mediar e a reciprocidade da criança, que é expressa pelas suas respostas verbais e não-verbais ao comportamento do adulto.

Expansão: está presente quando o “educador” tenta ampliar a compreensão da criança daquilo que está à sua frente, por meio da explicação, da comparação, adicionando novas experiências além das necessárias para o momento.

Afetividade ou *mediação do significado*: refere-se a toda a energia emocional utilizada pelo adulto durante a interação com a criança, levando-a a compreender o significado dos objetos, pessoas, relações e eventos ambientais.

Recompensa: observada quando os adultos expressam satisfação com o comportamento das crianças e explicam o porquê de estarem satisfeitos, facilitando-lhe sentimentos de autocontrole, de capacidade e de sucesso, além de ampliar a sua disponibilidade para explorar ativamente o novo.

Regulação do comportamento: é identificada quando o adulto ajuda a criança a planejar antes de agir, levando-a a se conscientizar da adequação do “pensar” antes de ação, de modo que possa planejar os passos do seu comportamento para atingir um objetivo.

Atender aos cinco critérios citados implica atingir uma mediação adequada (Vectore, 2003).

Considerando a dificuldade já mencionada, acerca da identificação de indicadores de estresse junto à criança, a partir de sua própria fala é que o presente estudo se justifica. Para tanto, foi elaborada uma história e confeccionado um instrumento denominado “Tapete No

Stress”, os quais foram apresentados às crianças, por meio de intervenções utilizando os critérios mediacionais. Desse modo, acreditou-se ser possível para as crianças a identificação de fatores estressores em si e nos outros.

3. Recursos Mediacionais: confeccionando os instrumentos para a compreensão do estresse em crianças

A mediação e a utilização de ferramentas lúdicas, normalmente prazerosas para as crianças, podem constituir efetivos instrumentos de apoio para a prevenção e intervenção em diferentes situações e contextos. A partir de tais conceitos pode-se dispor de instrumentos capazes de, simultaneamente, aferir um comportamento específico, no presente caso o estresse, e possibilitar algumas medidas de caráter intervencionista. Em trabalho anterior, Vectore (2008) observou a pertinência de se dispor de recursos mediacionais para o trabalho junto a crianças pequenas, seus genitores e educadores.

Entretanto, Padilha, Noronha e Fagan (2007) acentuam que, no Brasil, a formação do psicólogo, profissional habilitado para a construção de instrumentos de medida, atravessa um período de revisão de tais instrumentos visando ao controle de qualidade, conforme determina Resolução nº 002/2003, do Conselho Federal de Psicologia. Paralelo a isso, tem-se que um amplo desconhecimento dos instrumentos disponíveis, devido às falhas no processo de formação desse profissional, o que impulsiona a necessidade de estudos que promovam novos recursos para avaliação psicológica.

Joly, Silva e Nunes (2007) investigaram as produções científicas em painéis e congressos brasileiros, envolvendo a avaliação e observaram que, seguindo uma tendência internacional, houve um acentuado crescimento da avaliação psicológica em nosso meio. Portanto, o presente estudo, ao comportar dois temas importantes — estresse infantil e criação de um recurso de avaliação — responde, mesmo que parcialmente, à necessidade

contemporânea de se dispor de instrumentos que, além de avaliarem, possam também contribuir em intervenções. Contudo, vale apontar que o instrumento originado desta pesquisa não tem a pretensão de se constituir como um rigoroso método avaliativo, mas, devido a sua natureza exploratória, é um ponto de partida para futuros trabalhos nessa direção.

Para a realização deste estudo elaborou-se um *kit* denominado **“Deu estresse na bicharada!”**, contendo uma história criada pelas pesquisadoras com base em situações que poderiam evocar estresse na criança a partir das idéias de Lipp (2005) e capaz de evocar narrativas infantis, sobre situações de estresse além de um tapete de pelúcia com personagens relativos à referida história que foram confeccionados em EVA pela artesã Adriana Mendes da Fonseca. Vale apontar que Rodrigues e Oliveira (2009, p. 187) realçam o fato de que “o relato e a leitura de histórias contribuem de modo significativo para a ampliação da visão da realidade da criança”. O Quadro 1 traz o texto da história contada às crianças

Quadro 1 Texto da história**Deu estresse na bicharada!**

“Era uma vez um menino de quatro anos, chamado Gabriel. Ele era muito esperto e inteligente! Certa vez, seus pais o levaram para um passeio numa grande floresta onde havia muitas árvores. Lá também moravam muitos animais: onças, leões, girafas, macacos, jacarés um monte de bichos coloridos que deixou Gabriel encantado! Depois de um longo passeio e muitas brincadeiras a família de Gabriel se sentou para lanchar e aproveitaram para se deitar debaixo de uma grande árvore com uma gostosa sombra. Foi aí que Gabriel começou a perceber algo bem diferente! Gabriel viu que o leão estava muito zangado e muito nervoso!!! Ele rugia e andava de um lado para outro. Afinal, ele era o rei da floresta e tinha que cuidar de todos os bichos, mas, algo de errado estava acontecendo com os animais e o leão não sabia o que fazer, por isso estava estressado!!!

Vendo o espanto de Gabriel, a coruja que observava de longe, aproximou-se e disse:

— Oi, amiguinho?! Não se assuste! É estresse! Deu estresse na bicharada!!!

— Estresse !? O que é isso?

— Vamos visitar alguns bichos e você vai ver o que está acontecendo. Visitando os animaizinhos você vai entender o que é estresse.

Gabriel seguiu a coruja pela floresta adentro. Foram visitar o macaquinho. O macaquinho estava estressado, porque havia muita coisa para fazer: treinar no time de futebol dos macacos, aula de Inglês dos bichos, judô, escola de animais. Ele estava muito atarefado e por isso, ficou estressado!!! — Foi o que explicou a coruja.

O segundo animal que foram visitar foi a oncinha. Na casa dela, houve muitas mudanças: havia nascido mais um irmãozinho e toda família havia mudado muito!!! Mamãe Onça passava a maior parte do tempo cuidando do pequeno filhote e quase não tinha tempo para a oncinha, ela sentia que tinha ficado de lado. O mesmo acontecia com o Papai Onça. Parecia que eles só gostavam do novo filhote! A oncinha ficou preocupada e, por isso, ficou estressada.

O jacarezinho também estava estressado: sua família era muito preocupada e o deixava muito nervoso. Por isso, ele estava sentindo dores pelo corpo, sentia dores nas pernas, dores nos pés, dor de barriga. O corpo dele todo doía. Ele também estava muito estressado.

Já a situação do elefantinho era bem diferente! Ele aguardava com ansiedade o seu aniversário, todos os amigos e parentes viriam e ele receberia muitos presentes!!! Por isso, estava ansioso e estressado, porque os dias pareciam não passar esperando a festa. Ele nem conseguia dormir direito, pensando em como seria o dia de sua festa!!!

Na casa do patinho selvagem, a coruja e Gabriel tiveram que entrar com muito cuidado para não acordar D. Pata. Ela estava muito doente e passara por uma cirurgia na asa. Ela havia ido para o hospital e agora estava em casa novamente. O patinho estava muito preocupado com a saúde de sua mãe. Isso o deixou estressado!!!

Na casa da foca não aconteceu a mesma sorte, a foquinha e todos da família estavam muito tristes com a morte de sua mãe! Todos da família estavam chorando... A foquinha nem saía mais para brincar na lagoa como era de costume!

Quanto à girafa, ela vivia com muito, muito medo! Medo de tudo, ela tinha medo de que ninguém gostasse dela, medo de bichos, medo até de ficar sem amiguinhos, por isso ela estava estressada.

Gabriel falou para a coruja:

— Nossa! Não sabia que estresse era isso!”

Apontamentos acerca da história

A elaboração da história foi feita a partir de alguns símbolos presentes nos personagens, referentes à cultura ocidental, como, por exemplo, a cruz para simbolizar a morte, entre outros.

A história inicia como todo conto de fadas, com a tradicional frase: “Era uma vez”, na tentativa de evocar os momentos já vividos diante de outras histórias já ouvidas. Segue apresentando seus personagens, entre eles uma família composta por pai, mãe e os filhos que foram denominados de Gabriel, que é menino de quatro anos e Gabriela. Gabriel passeia pela floresta e há alguns animais.

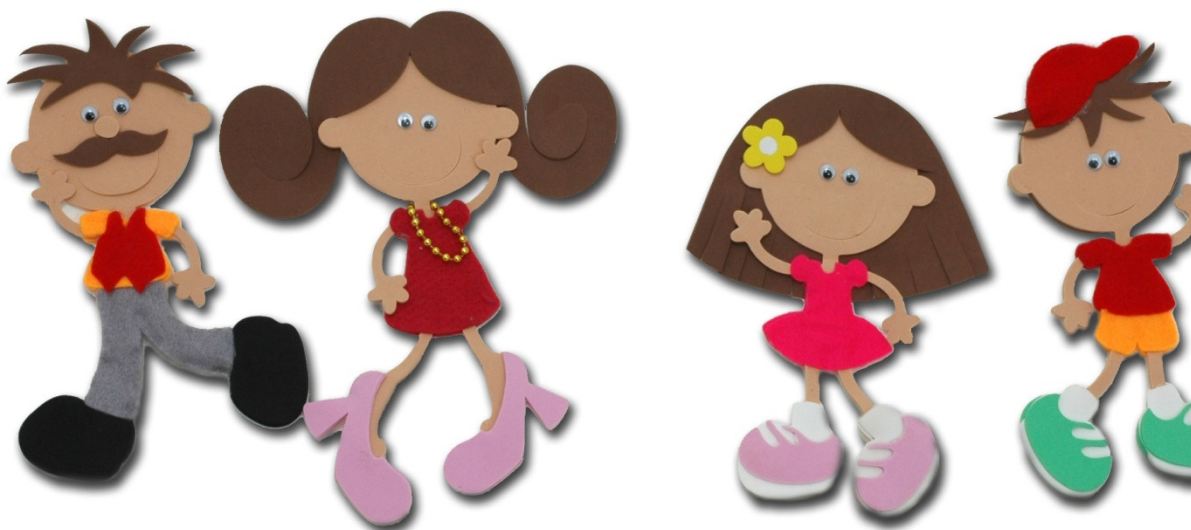


Figura 1 A família

Um leão (Figura 2) é o primeiro animal a aparecer. Rei da floresta, ele está preocupado com o bem-estar dos outros animais, por isso caminha de um lado para o outro tendo o cenho franzido.



Figura 2 O leão

A coruja (Figura 3), que representa a sabedoria, animal de grandes olhos sempre atentos, que a tudo vê. É o primeiro animal falante que se aproxima de Gabriel e convida-o a entender o que pode estar acontecendo com os animais na floresta, utilizando, para tanto, situações por eles vivenciadas e que remetem ao estresse.



Figura 3 A coruja

O macaco (Figura 4), muito atarefado, tem a vestimenta incomum, pois veste quimono, tem na mão esquerda um livro de Inglês, na direita um lápis e em um dos pés uma bola. Todos os elementos apresentados de uma só vez com o objetivo de representar a quantidade de atividades que ele realiza.



Figura 4 O macaco

O pato (Figura 5), por sua vez, tem a feição preocupada com o cenho franzido e se encontra ao lado de sua mãe, que tem um curativo na asa, por estar doente e ter sido hospitalizada (esclarecimento fornecido durante a narrativa da história).



Figura 5 O pato

A família da foca (Figura 6) é composta pelo irmão, pelo pai e pela mãe. O pai, o irmão e a própria foca são representados com lágrimas nos olhos, significando o choro causado pelo sofrimento da perda da mãe foca, que tem o olho fechado e bordado com linha, como referência à morte.

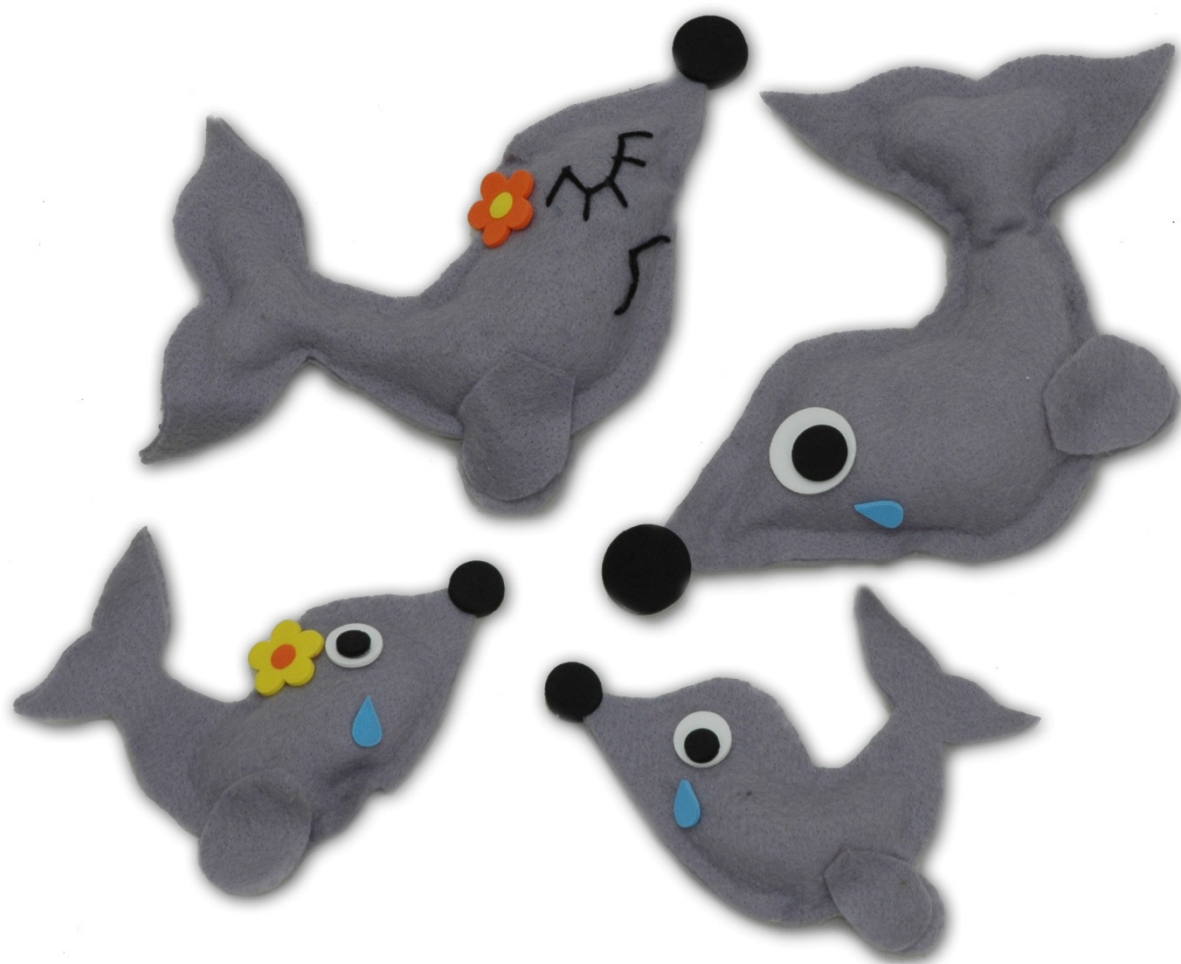


Figura 6 A foca e sua família

A girafa (Figura 7) tem o pescoço longo e os seus olhos franzidos representam o medo de não fazer amigos de ser diferente, de não ser aceito, enfim o medo de tudo. Daí, o personagem personificar todos os medos em si.



Figura 7 A girafa

O jacaré (Figura 8) sente dores pelo corpo e tem um tecido amarrado no pescoço para aplacar as dores. O personagem vive numa família que não é representada, mas que de acordo com a narrativa o “clima familiar” é de preocupação e estresse.



Figura 8 O jacaré

Por outro lado, o elefante (Figura 9) representa a ansiedade, já que ele espera angustiadamente pelo seu aniversário. Para tanto, tem um calendário à mão e não consegue fechar os olhos deitado em sua cama com um cobertor para dormir.



Figura 9 O elefante

A oncinha (Figura 10) representa as mudanças que ocorrem na dinâmica familiar, como por exemplo, quando ocorre o nascimento de um novo filho. Essa família é representada pelo pai, a mãe e o bebê onça. Assim, configura-se a situação em que os cuidados direcionados ao bebê pelos pais geram ciúmes no irmão mais velho e remetem a oncinha ao sentimento de estar de fora do trio, sendo deixada de lado, pois a família tem que dispensar maiores cuidados e atenção ao bebê.



Figura 10 A oncinha e sua família

Por fim, o cenário (Figura 11), contendo várias casas, cercas, árvores lagos, peixinhos, e um fundo todo azul, representa o céu e o caminho repleto de dificuldades, pelas quais todos os animais devem passar.

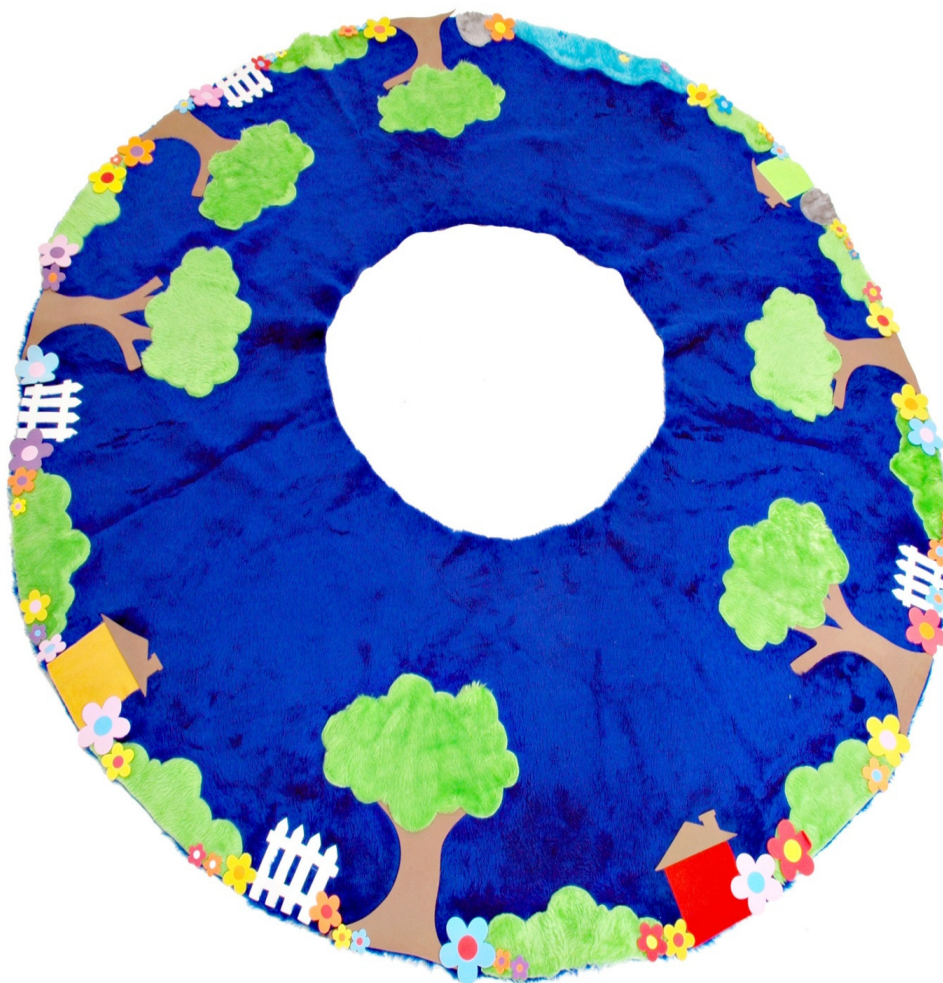


Figura 11 O cenário

Vale acrescentar que a criação do cenário, envolvendo vários personagens, sendo esses animais em situações de estresse, foi embasada em alguns princípios contidos no Teste de Apercepção Temática (CAT-A, 1992), especialmente, pelo uso de animais e por ser o instrumento adequado a partir dos três anos de idade, conforme salienta Bellak (1992). Cunha (1993) pondera que os animais ocupam um lugar especial no imaginário infantil, fruto do contato com lendas e com os próprios contos de fadas. Para Dieckman (1986), o uso das palavras “era uma vez” remete o ouvinte a um tempo passado fora do pensamento racional, em que acontecem coisas extraordinárias, entre elas a existência de seres mágicos e animais falantes.

Acompanhando a história, o material inclui um tapete de pelúcia, que permite ao ser colocado no chão, para que as crianças se sentem ao seu redor, tendo a

pesquisadora/mediadora no centro, a fim de garantir as mediações junto às crianças. No tapete os bonecos, no formato de animais, podem ser manipulados pelas crianças e relacionados à temática.

Método

1. Participantes

O trabalho foi realizado em uma creche, que atende a uma população de filhos de trabalhadores rurais (safristas), situada na periferia de uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais. Contou com a participação de **dezesseis crianças**, sendo oito de cinco anos e oito de quatro anos. Em relação ao gênero havia oito meninos e oito meninas e **doze mães**; alguns grupos foram formados por irmãos. Inicialmente, havia dezoito crianças participantes, mas, devido a situações de mudança de escola, o grupo ficou constituído pelos dezesseis, que participaram de todo o procedimento. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética para Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia (Protocolo 043/09).)

A) Crianças

De acordo com Oliveira-Formosinho (2008), pesquisas envolvendo crianças que se constituem como fonte de dados devem ser realizadas por meio de atividades organizadas em grupos de três crianças cada. A Tabela 1 mostra de que forma os grupos foram estruturados e também indica que, entre as dezesseis crianças participantes da amostra, 50% são do sexo masculino e 50% do sexo feminino e a média de idade foi de **4,3** nos grupos 1, 2 e 3 e **5,4** nos grupos 4, 5 e 6.

Tabela 1: Distribuição das crianças, segundo a média de idade dos grupos

<i>Grupo</i>	<i>Crianças³</i>	<i>Média de Idade</i>
1	Vander, Sara e Elias	4,5
2	Ysrael, Marcos e Weber	4,3
3	Walter, Janete	4,3
4	Rita, Leda e Daniela	5,4
5	Wilson e Tatiana	5,5
6	Gabi, Jussara e Kin	5,4
Total		4,9

³ Trata-se de nomes fictícios para preservar a identificação dos participantes.

*Grupo 1: Vander, Sara e Elias***Vander**

Vander tem 4 anos e 2 meses, tem outro irmão de 7 anos. Seus pais são trabalhadores rurais. A mãe relata que Vander mudou seu comportamento desde o dia que a avó de quem gostava muito mudou de cidade. A família conviveu com morte violenta de um familiar. Vander, de acordo com o relato da mãe, é nervoso, impaciente e sente ciúmes do relacionamento do pai com o irmão.

Sara

Sara tem 4 anos e 8 meses, tem uma irmã de 2 anos. A mãe é do lar e o pai é motorista. A mãe acredita que a filha tenha traços de personalidade semelhantes aos seus, pois refere a si mesma e à filha como nervosa e impaciente. A criança demonstra ter forte vínculo afetivo com a avó materna e a mãe atribui este comportamento ao fato de que a avó é permissiva em relação aos desejos da neta. Sara tem problemas de obesidade (sic mãe).

Elias

Elias tem 4 anos completos e duas outras irmãs de 11 e 13 anos de idade. Os pais se separaram recentemente. A mãe trabalha em emprego esporádico e o pai trabalha em uma granja. Tem uma condição financeira desfavorável o que impediu a mãe de realizar uma festa de aniversário para a criança apesar de seu grande desejo conforme relato da mesma. Elias tem problemas alérgicos, há pouco tempo voltou a urinar na cama e a ter pesadelos à noite.

*Grupo 2: Ysrael, Marcos e Weber***Ysrael**

Ysrael tem 4 anos e 2 meses e uma irmã de 8 anos de idade. Os pais têm empregos temporários e se reconciliaram recentemente. A criança convivia com familiar adicto. A mãe demonstra admiração pelo desenvolvimento do filho e relata que gosta de brincar de bola com o mesmo no campo de futebol próximo onde residem. Aparentemente mãe e filho têm um bom relacionamento.

Marcos

Marcos tem 4 anos e 5 meses e um irmão de 7 anos. Os pais trabalham em empregos temporários o que motiva mudanças freqüentes de cidade à procura de trabalho. Na época da entrevista estavam desempregados, haviam retornado à cidade devido à morte da avó de Marcos. De acordo com a mãe, Marcos tem apresentado mudanças de comportamento favoráveis. Está mais independente e se expressa melhor oralmente. Em casa o filho gosta de brincar e andar de bicicleta. Os passeios com a família são raros, pois o pai de Marcos prefere ficar em casa e não permite que a esposa saia com as crianças (sic mãe).

Weber

Weber tem 4 anos e 10 meses, mora com a mãe e outra irmã de 7 anos. Tem outros três irmãos, duas meninas de 15 e 17 anos e um irmão de 13, todos por parte de pai que constituiu outra família. A mãe trabalha na lavoura e o pai é motorista. A criança conviveu com familiar envolvido no tráfico de drogas. A mãe de Weber preocupa-se com suas atitudes, pois este demonstra preferência por brinquedos e roupas de menina, o que gera críticas por parte do avô (sic mãe). Weber apresenta problemas de linguagem que pode ser percebido ao ouvi-lo pronunciar as palavras.

Grupo 3: Walter e Janete

Walter

Walter tem 4 anos e 3 meses, dois irmãos de 2 e 5 anos de idade e uma irmã por parte de pai. Os pais são separados há 4 anos. A criança conviveu com familiar violento e usuário de drogas. Atualmente a mãe constituiu outra família. O padrasto de Weber é pintor e a mãe trabalha como diarista. Segundo afirma a mãe de Weber, a criança se sente bem na presença do padrasto e refere a ele como sendo seu pai. A mãe teme aproximação do pai biológico. Recentemente a mãe perdeu dois filhos gêmeos que faleceram durante a gestação. Walter apresenta enurese noturna.

Janete

Janete tem 4 anos e 2 meses e outros três irmãos, um de 1 ano e 2 meses e outras duas irmãs de 5 anos e 5 meses e de 7 anos. Após a separação dos pais ocorrida no ano passado, ela, as irmãs e a mãe passaram a residir na casa da avó materna e uma tia. O pai é padeiro e mãe é do lar. A mãe refere-se à filha como uma criança carente que briga muito com os outros irmãos. Gosta de passear e o faz com frequência em companhia da mãe e dos irmãos.

Grupo 4: Rita, Leda e Daniela.

Rita

Rita tem 5 anos e 5 meses e outros dois irmãos, um de 2 anos e outra irmã de 7 anos. Os pais trabalham na lavoura durante a época de safra de alimentos. A família tem uma condição financeira desfavorável. Segundo a mãe Rita é uma garota organizada, responsável, mas tem ciúmes do irmão mais novo. Gosta de passear e o faz com frequência em companhia da mãe e dos irmãos.

Leda

Leda tem 5 anos e 6 meses. Seu pai se mudou para outra cidade após a separação ocorrida há 4 meses. O pai é soldador e a mãe é consultora de vendas. Atualmente reside com a mãe, uma amiga de sua mãe e seu filho de 1 mês. A mãe trabalha o dia todo e à noite estuda enquanto Leda fica sob os cuidados da amiga. A mãe relata que a filha se tornou mais sensível após a separação. Há poucos meses voltou a urinar na cama à noite. A criança convive com adicto em recuperação.

Daniela

Daniela tem 5 anos completos, tem um irmão de 9 anos. A mãe separou-se, se casou novamente e teve outro filho agora com 3 anos de idade. O pai é operador de máquinas e a mãe é do lar. No ano passado Daniela morava com a avó em outra cidade, avó e neta moravam sozinhas e a mãe acredita que a avó tinha possibilidade de proporcionar melhores condições financeiras à menina. Ao vir morar com a mãe Daniela teve que conviver com seus outros irmãos e compartilhar o que é seu, isto a deixa nervosa (sic mãe). A menina conviveu com perdas de familiares recentemente. Desde que entrou na creche a mãe relata que Daniela teve que assumir novas responsabilidades. Daniela é calada, apresenta enurese noturna, quando está nervosa ou triste tem o hábito de chupar o dedo (sic mãe).

Grupo 5: Wilson e Tatiana

Wilson

Wilson tem 5 anos e 6 meses e é considerado o menino problema na instituição pelo comportamento de agressão física e verbal aos colegas de turma. A mãe também se refere a ele como uma criança difícil, que parece não ter limites. A mãe é do lar, o pai é vaqueiro e trabalha esporadicamente na lavoura de café. A família tem uma condição financeira

desfavorável, sua casa não possui nem portas e nem janelas. Wilson tem outros dois irmãos mais velhos de 8 e 12 anos de idade. A mãe menciona que no ano anterior o filho se mostrava mais organizado, guardava seus brinquedos e agora não o faz, tem piorado em termos de comportamento, está mais agressivo a ponto de não ser convidado a participar de festas de aniversário dos colegas. No ano anterior fugiu da instituição em companhia de outro colega. Wilson já se envolveu em dois acidentes ao cair de uma árvore, em um deles ficou inconsciente por algumas horas e no outro teve o braço quebrado.

Tatiana

Tatiana tem 5 anos e 5 meses e outros três irmãos, um com 1 ano e 4 meses, uma irmã de 4 anos e 2 meses e uma outra de 7 anos. Os pais se separaram no ano passado e a família passou a residir com a avó materna e uma tia. O pai é padeiro e a mãe é do lar. A mãe relata que a filha sempre pergunta quando o pai virá visitá-la, o que ele faz frequentemente. Conta que a filha aprecia vir para a creche, gosta de passear, antes tinha dificuldades em se relacionar com estranhos e não gostava de estar no meio de multidão. A mãe tem problemas de saúde (problemas renais) e na época da entrevista esteve internada enquanto as crianças ficaram sob os cuidados da avó.

Gabi

Gabi tem 5 anos e 5 meses é filha única do casal. Sua mãe trabalha como diarista, mas, está desempregada, o pai trabalha como carregador numa granja. Aos sábados, quando a mãe tem que ir trabalhar fora, deixa a filha sob os cuidados de vizinhos. A mãe conta que a filha tem apresentado melhora em seu comportamento depois que passou a frequentar a creche, era muito nervosa, possessiva, queira tudo para si. Relata que quando Gabi tinha 1 ano de idade

teve que ficar hospitalizada por ter quebrado o braço ao cair da cama e recentemente tornou a quebra-lo na creche.

Jussara

Jussara tem 5 anos e 8 meses e outras três irmãs de 1 ano, 4 anos e 7 anos. Os pais trabalham nas lavouras de café e estão desempregados no momento. Jussara morava com a avó materna e só há pouco tempo passou a frequentar a casa da mãe e a dormir lá, porém passa a maior parte do tempo na casa da avó. A mãe a rejeitou logo após o parto e a criança ficou aos cuidados da avó (sic mãe). Segundo a mãe, Jussara é agressiva, bate nos irmãos, chora, dá birra, tem dificuldades para dormir e é sonâmbula.

Kin

Kin nasceu prematuro, aos 8 meses de gestação e necessitou frequentar a AACD por um período de três meses. Kin tem hoje 5 anos e 3 meses e mora com a mãe, o irmão e o padrasto. Tem outro irmão por parte de pai. Os pais se separaram há mais de 4 anos e Kin perdeu o contato com ele. Kin conviveu com familiar agressivo e adicto. A mãe tem problemas de saúde, recentemente abortou um casal de gêmeos (sic mãe). A família tem condições financeiras desfavoráveis, pois segundo a mãe, o fato de não ter emprego fixo dificulta o planejamento da renda familiar. A mãe e Kin tiveram catapora há alguns meses atrás e necessitaram ficar internados. Segundo a mãe, Kin é mais sensível que os outros irmãos, é organizado, não gosta de bagunça e é muito esperto.

B) Mães

Participaram do estudo doze mães, cujas idades variaram entre 21 a 39 anos. A maior concentração ocorre, contudo, entre os 25 e 29 anos. (Tabela 2).

Tabela 2 Distribuição das mães, segundo a faixa etária

Idade	Nº de mães (N)	Porcentagem (%)
20 a 24 anos	4	33,3
25 a 29 anos	6	50
30 a 34 anos	1	8,33
35 a 39 anos	1	8,33
Total	12	100

No que respeita ao grau de escolaridade das mães, foi constatado que dez possuem o Ensino Fundamental incompleto, uma é analfabeta e uma possui o Ensino Médio incompleto. (Tabela 3).

Tabela 3 Distribuição das mães, segundo a escolaridade

Escolaridade	Nº de mães (N)	Porcentagem (%)
Analfabeto	1	8,3
Ensino fund. incompleto	10	83,3
Ensino médio incompleto	1	8,3

Em relação à profissão das mães, a Tabela 4 mostra que cinco são “safristas”⁴, quatro são do lar, uma é diarista, uma é consultora de vendas e uma atua em serviços gerais. Desse modo, maior parte das mães (41,6%) têm emprego temporário, são “safristas”) e 33% não trabalham fora; apenas uma das mães tem emprego fixo durante a maior parte do ano .

Tabela 4 Distribuição das mães, segundo a profissão

Profissão	Nº de mães (N)	Porcentagem (%)
Safristas	5	41,6
Do lar	4	33,3
Diarista	1	8,3
Consultora de vendas	1	8,3
Serviços gerais	1	8,3

⁴ Safrista é um neologismo que identifica os trabalhadores sazonais que atuam na colheita, na época das safras (HOUAISS, 2009, versão eletrônica, verbete safrista)

No que respeita ao estado civil das mães participantes, nove são casadas; destas, três estão no segundo casamento e três são separadas.

Em relação ao número de filhos, a média é de dois, o que se situa em conformidade com os dados do IBGE divulgados em 2009, em relação à média nacional.

2. Instrumentos

Com a finalidade de conhecer possíveis indicadores de estresse em crianças pré-escolares, foram utilizados alguns recursos para o estudo, como:

2.1. Observação da rotina institucional.

2.2. Escala de fontes estressoras na criança (Lipp, 2005) constante em Anexo .

Tal escala é composta por 40 itens, sendo atribuído a cada um deles uma pontuação específica. Ao final, somam-se os pontos e o resultado obtido refere-se à probabilidade de ocorrência de problemas de saúde. A autora menciona que

[...] um total de pontos até 150 indica que a carga de stress atingiu nível médio. Uma somatória dos pontos de 150 e 300 indica que a criança tem uma probabilidade acima da media de ter alguns sintomas de mal-estar. Por sua vez, uma pontuação total acima de 300 significa que existe uma forte probabilidade de que a criança venha a apresentar problemas de saúde ou de comportamento, em virtude do stress excessivo a que ela esta sujeita no momento (Lipp, 2005:47).

2.3. Entrevista semiestruturada com as mães, também em anexo, contendo dados oriundos da literatura sobre o estresse, além de dados sociodemográficos, como:

* dados pessoais: idade, cidade de origem, estado civil, formação escolar, profissional.

* formas de interação com a criança.

* fatores da vida diária e da possível relação com o estresse infantil.

2.4. *Kit* “Deu estresse na bicharada”, já descrito.

3. Procedimento

A coleta de dados foi realizada por meio das entrevistas com as mães e de oficinas efetivadas junto às crianças. Primeiramente, foi agendada uma visita à instituição, para apresentação do projeto de pesquisa. Desse modo, a coordenadora ficou responsável por convidar as crianças e seus respectivos pais para a participação no estudo; ficou determinado que as crianças poderiam ou não apresentar algum indicativo de estresse. Na visita, a coordenadora demonstrou receptividade e consentiu na realização do trabalho. Em seguida, foi solicitado à secretária de Educação Municipal, responsável pela instituição, que assinasse o Termo de Autorização para realização do trabalho.

Após estes contatos iniciais, foi agendada a reunião com as mães das crianças, para a apresentação do trabalho, assinatura do Termo de Consentimento e preenchimento de uma lista de estressores elaborada por Lipp (2005), com o objetivo de realizar uma sondagem inicial das crianças que poderiam apresentar indicadores de estresse, de acordo com a visão das mães momento em que foram prestadas informações sobre o que é estresse, quais as consequências para o organismo e sobre as fontes estressores para a criança. A seguir, foi marcada uma entrevista individual com cada mãe, de modo a obter mais dados sobre as crianças e checar os itens apontados pelas mães como possíveis indicadores de estresse das crianças. Ao todo foram realizadas doze entrevistas que variaram de sessenta a noventa minutos cada.

Em seguida, os grupos foram formados, de modo a se ter três grupos de crianças com quatro anos e três grupos com crianças com cinco anos de idade. Ao todo foram realizadas dezoito oficinas que tiveram a duração de uma hora à uma hora e meia.

A primeira oficina teve o objetivo de familiarizar as crianças com os materiais audiovisuais (filmadora e gravador), com a pesquisadora e com mais duas auxiliares da pesquisa, com função de realizar as filmagens. Nessas sessões iniciais, era, ainda, esclarecido às crianças o objetivo do trabalho e feito o convite para participarem. Após a conversa

informal, era oferecido lápis de cor e papéis para desenho livre. No final do encontro, a pesquisadora informava sobre os encontros seguintes, mencionando que traria uma história para ser contada ao grupo.

Nas duas sessões seguintes, a pesquisadora preparava o local do encontro, dispondo o material que consistia em um tapete colocado no chão juntamente com a bolsa de camurça de cor azul contendo os personagens da história a ser contada. Quando as crianças chegavam, eram convidadas a sentarem-se ao redor do tapete, tendo a pesquisadora ao centro. O procedimento das oficinas envolveu o acordo prévio junto às crianças: primeiramente, a pesquisadora contaria a história; depois, elas recontariam individualmente e, a seguir, poderiam brincar com os personagens ou desenhar.

Durante a narração da história, os personagens eram retirados um a um da bolsa azul e eram dispostos ao longo do tapete, formando o cenário da história. À medida que a narrativa prosseguia, o tapete era movimentado, para dar lugar aos outros personagens. Ao final, ao longo do tapete já estavam dispostos todos os personagens, para que as crianças escolhessem por qual iriam iniciar a narrativa e desta forma recontar a história .

Resultados

Os resultados deste estudo serão apresentados em três blocos, assim constituídos:

1. Dados oriundos das entrevistas com as mães.

2. Dados oriundos das observações na instituição.

3. Dados oriundos das oficinas com as crianças. Em relação a este tópico, vale mencionar que as oficinas serão analisadas, visando a localizar alguns episódios ou falas das crianças, que retratam indicadores de estresse e, também, identificar o comportamento mediacional da pesquisadora, descritos no Programa MISC, de modo a permitir a avaliação da mediação, como forma facilitadora de expressão e entendimento da criança, acerca do estresse em si e nos outros.

Após, tais considerações tem-se:

1. Dados oriundos das entrevistas com as mães

A primeira constatação importante desta pesquisa é que a maioria das crianças é oriunda de lares cujos pais têm pouca escolaridade e atividade profissional instável (safristas) ou estão desempregados, o que já pode ser um fator propiciador de estresse na família, haja vista que, provavelmente, sofram privações de ordem material, conforme o excerto [1]:

[1] *Mãe de Wilson: — Minha casa, eu construí pedindo material aqui e ali na cidade. Não posso sair de casa, não tem porta pra fechar. Hoje não tenho botijão pra cozinhar, os meninos chegam da escola e não tem comida pronta...*

A Tabela 5 traz os fatores de estresse relatados pelas mães

Tabela 5 Fontes de estresse apresentados pelas mães

Mãe	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Dificuldade com os filhos	x	x	x	x				x		x	x	x
Dificuldade financeira		x		x	x	x			x			
Pressão no trabalho												
Problemas de saúde									x			
Não se sente estressada							x					

Em relação às fontes de estresse elencadas pelas mães, observa-se que dificuldades com os filhos são apontadas por 50% das mães entrevistadas, seguida de dificuldades financeiras (33,3%). Apenas uma mãe não se sente estressada.

Em relação aos indicadores de estresse colhidos junto às mães, a partir da *Escala de fontes estressoras na criança*, observa-se que as crianças participantes, em quase a sua totalidade, alcançaram uma pontuação indicativa de estresse severo, o que está relacionado, segundo o instrumento, com a probabilidade de ocorrência de problemas de saúde, conforme dados expressos da Tabela 6. Em especial, chama a atenção a alta pontuação da criança 3, indicativa de maior possibilidade de adoecimento.

Tabela 6 Grau de probabilidade de ocorrência de problemas de saúde nas crianças participantes

<i>Criança</i>	<i>Somatório</i>	<i>Probabilidade de ocorrência de problemas de saúde</i>
1.	274	Media
2.	458	Severa
3.	615	Severa
4.	510	Severa
5.	559	Severa
6.	450	Severa
7.	440	Severa
8.	487	Severa
9.	493	Severa
10.	371	Severa
11.	329	Severa
12.	514	Severa
13.	392	Severa
14.	577	Severa
15.	440	Severa
16.	455	Severa

Tabela 7 Indicadores de estresse das crianças participantes, apontados pela Escala de fontes estressoras na criança (Lipp, 2005)

<i>Fontes estressoras na criança</i>	<i>Pontos</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem %</i>
Brigas com irmãos	15	14	35
O trabalho materno fora do lar	40	11	27,5
Piora da situação financeira familiar	38	11	27,5
Mudança de amigos	17	11	27,5
Morte ou perda de animal de estimação	20	10	25
Viagem com familiares	19	10	25
Sofrer punição injusta	10	10	25
Sentir-se rejeitado	334	09	22,5

Os dados da tabela 7 mostram que, as mães consideram como fontes de estresse para seus filhos as constantes brigas com os irmãos apontado pela grande maioria delas, seguido do fato das mães trabalharem fora do lar, dificuldades financeiras da família, e mudança de amigos.

As mães interagem com seus filhos, segundo elas, por meio de brincadeiras. Nesse sentido, vale apontar o que disse a mãe de Ysrael.

[2] Mãe: — Não, eles não tem muito tempo pra brincar! Maioria do tempo é aqui, não é brincadeira de casa! Aqui é de encaixar, colorir ... Eles me cobram muito isso! (Mãe analfabeta faz comentário sobre o fato de acreditar que as brincadeiras na creche são diferentes das brincadeiras em casa, ao ar livre.)

Vale ressaltar a adequação do procedimento, no que diz respeito à entrevista individual com as mães, haja vista que propiciou uma checagem dos itens anteriormente marcados por elas no encontro anterior. Assim, foi possível perceber várias incongruências ou incoerências entre o que foi marcado e a realidade da criança, devidas, principalmente, à dificuldade de entendimento dos itens da referida escala, o que pode ser explicado pela sua baixa escolarização.

2. Dados oriundos das observações na instituição

Trata-se de uma instituição filantrópica mantida por doações de associações e de entidades religiosas do município e pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos profissionais da Educação -FUNDEBE. Atende cerca

de 63 crianças, na faixa etária de zero a cinco anos. Com o intuito de conhecer a rotina da instituição, haja vista que as crianças lá permanecem durante todo o dia, foram realizadas observações durante uma semana, com um total de vinte horas. Desse modo, pode-se constatar que o dia a dia é marcado por atividades, como banho, brincadeiras ao ar livre, atividades no parquinho e desenhos no asfalto em frente à creche; as crianças sentam em torno da monitora e têm possibilidade de comentar acerca de situações ocorridas extraescola. Entre os temas de tais conversas, podem ser destacados: episódios de embriaguez dos genitores e a presença de drogas na região (maconha), conforme pode ser observado pela observação de Marcos: “*Oia aqui, eis fumou maconha aqui. A fogo tá aceso até agora!*” (sic), ao brincar com sua turma em frente à instituição e se deparar com as cinzas ainda acesas no chão.

Além disso, vale apontar que a instituição parece não dispor de atividades contínuas para as crianças, pois há vários momentos em que elas ficam ociosas, o que gera situações de conflito, agitações etc., que constituem fontes estressoras, conforme salienta Lipp (2005).

3. Dados oriundos das oficinas com as crianças

Conforme anteriormente assinalado, as oficinas serão analisadas, visando a localizar alguns episódios ou falas das crianças, que retratam indicadores de estresse e, também, identificar o comportamento mediacional da pesquisadora, segundo os critérios MISC, a saber: *focalização, expansão, mediação do significado, recompensa e auto regulação*, observados durante a realização das atividades.

Oficina 1

Objetivos: familiarizar as crianças com a pesquisadora e com os instrumentos de coleta de dados e investigar indicadores de estresse.

Material: papéis de tamanho A3 e A4 para desenho das crianças, lápis de cor, gravador e filmadora.

Vale ressaltar que as questões feitas pela pesquisadora se relacionavam com os possíveis episódios/eventos estressores apontados pelas mães conforme pode ser percebido nos trechos abaixo.

Grupo 1: Vander, Sara e Elias (crianças de quatro anos de idade)

Nessa oficina, além da familiarização da equipe com as crianças, a pesquisadora buscou investigar aspectos relacionados com os indicadores de estresse mencionados anteriormente pelas mães, como, por exemplo, o medo (Lipp, 2005). A narrativa abaixo demonstra o medo de Sara, em ficar sozinha:

[3] Sara: — Tô escreveno um menininho, menininho pitinho! Ele entra dentro da casinha dele, ele vai ficar trancadinho.

Pesquisadora: — Ele vai ficar trancado? Por quê?

Sara: — Porque a mãe dele tranca ele (...) Ela foi na cidade e deixou ele aqui sozinho.

Grupo 2: Ysrael, Marcos e Weber (crianças com quatro anos)

Neste grupo, as crianças rabiscaram as folhas e pouco produziram em termos de desenhos. Alguns se recusaram a desenhar, mesmo quando era oferecido o material, limitaram-se a responder as perguntas da pesquisadora, quando esta tentava estabelecer um vínculo e incentivar a participação.

Grupo 3: Walter e Janete (Crianças de quatro anos)

Neste grupo, as crianças também desenharam figuras humanas, letras de seus nomes e experimentavam as cores fazendo rabiscos nos papéis. Como as carteiras que usavam para fazer os desenhos foram unidas umas às outras, houve espaço entre elas para que os lápis caíssem, o que se transformou numa brincadeira entre elas.

Grupos 4, 5 e 6 (crianças de cinco anos de idade)

Nessa oficina, como ocorreu nas oficinas 1, 2 e 3, além da familiarização da equipe com as crianças, a pesquisadora também obteve informações sobre o contato dessas com a violência no seu dia a dia, fator relacionado com os indicadores de estresse (Lipp, 2005) e confirmados nas entrevistas com as mães.

[4] Tatiana: — Mataram o tio da menina que mora perto da minha casa, só que ele é grande, ele matou o Gordo! (Nessa época, havia ocorrido um assassinato no bairro onde fica a instituição e a mãe de Wilson também comentou a respeito na entrevista)

[5] Wilson: — É! Mas não pode sabe? Tem hora que eu tenho medo dos malditos dos mala. Os maus coloca uma faca na latinha e os bichos aparece sem rasgado (sic). (Wilson fala das cenas que presenciou no quintal de sua casa, quando a polícia invadiu a mesma para prender traficantes que passara por ali).

Oficina 2

Objetivo: familiarizar as crianças com o conceito de estresse, por meio da aprendizagem mediada (MISC, 1996).

Material: kit “Deu estresse na bicharada!”, papéis de tamanho A4 e lápis de cor, gravador e filmadora.

Grupos 1, 2 e 3

Nos trechos a seguir, observa-se que as crianças fazem perguntas com o objetivo de conhecer os personagens usados na narrativa e demonstram interessar-se mais pelos animais, pelos objetos presentes na sala do que pela narrativa em si. Contudo, há alguns momentos em que as crianças parecem entender o que está sendo narrado, como mencionado abaixo:

Pesquisadora narra sobre o elefante que aguarda o aniversário e mostra o calendário usado para indicar as datas.

[6] *Pesquisadora: — É onde ele vê as datas da semana passar sabe? Ele está esperando o aniversário dele. Ele estava ansioso demais.*

Sara: — Tem relógio prá ele? (S demonstra que entendeu que o elefante espera algo acontecer e que o relógio também serve para marcar o tempo de espera)

Em outros momentos, entretanto, observa-se a desatenção ao conteúdo da história, como:

[7] *Janete: — Ó tia, tá rodano!!! (Janete fala a respeito do gravador ligado)*

Sara: Isso aqui é um bico? (Sara se refere à chupeta usada pelo bebê onça)

Grupos 4, 5 e 6

Nos trechos a seguir, as crianças demonstraram interesse pelos adereços usados pelos animais, no entanto emitiram comentários a respeito do tema em estudo. As crianças mencionaram o ciúme devido ao nascimento do irmão e a ansiedade, apontados por Lipp (2005:30) como possíveis desencadeantes de estresse.

[8] *Gabi: — Por que ela tá com ciúme (...) Ela não gosta que bate nela.*

Tatiana: Foi quando minha mãe saiu e tava demorando e eu tive que ficar sozinha.

Tatiana fala sobre essa situação, enquanto o grupo discute sobre a ansiedade do elefante, que espera por sua festa de aniversário.

Grupo 4: Rita, Leda e Daniela.

Neste grupo, percebe-se o interesse pelas situações vividas pelos personagens. Na primeira narrativa, as crianças emitiram seus comentários, pediram explicações e tiraram suas conclusões.

A Pesquisadora narra a história e usa pela primeira vez a palavra “estressado” o que parece despertar o interesse das crianças.

[9] Pesquisadora (P): — No parque, estava acontecendo alguma coisa, porque todo mundo estava estressado.

Rita: — O que é estressado?

P: — É! Vamos descobrir o que é estressado... O leão, ele estava muito nervoso, estava preocupado com tudo que acontecia na floresta(...) O Gabriel seguiu a coruja parque a dentro e foram visitar um macaquinho... O macaquinho estava estressado.

Rita: — O que é estressado?

P: — Porque tinha muita coisa para ele fazer. Ele tinha que treinar futebol na tarde, ele tinha inglês dos bichos, judô, escola dos animais. Ele estava muito, muito atarefado.

Leda: — Mas ele tá rindo!!! (L percebe que o macaco está sorrindo apesar de na narrativa se dizer que ele estaria estressado)

P: — Você acha que se tivesse estressado, ele não estava rindo?

Leda: Se tivesse estressado não tava rindo!

Oficina 3

Objetivo: Avaliar o conhecimento das crianças acerca do estresse aprendido nas sessões anteriores, por meio dos recursos mediacionais.

Material: kit “Deu estresse na bicharada!”, papéis de tamanho A4 e lápis de cor, gravador e filmadora.

Grupos 1, 2 e 3

Nos trechos a seguir, observa-se a dificuldade de as crianças apresentarem espontaneamente comentários sobre o tema estresse. Foi preciso que a pesquisadora incentivasse a narrativa, por meio da mediação, com utilização de perguntas. Elias, por exemplo, fala sobre a tristeza de não receber nenhum presente no aniversário, o que pode ser avaliado como indicador de estresse relacionado à baixa autoestima (Lipp, 2005:88), Janete, por sua vez, faz um comentário que pode estar relacionado a sentimentos de culpa (Lipp 2005:78) também relacionados como estresse.

[10] Elias:— E ele não ganhou nada!!! (fala da situação do elefante não ter ganhou nenhum presente no seu aniversário).

Janete: Ficou teimosa aí morreu!!! (Janete fala da morte da foca)

Grupos 4, 5 e 6

As crianças dos grupos de cinco anos demonstraram maior capacidade para realizar comentários. Nesses grupos, apareceram temáticas relativas ao medo excessivo e da morte de um dos pais, o que está relacionado ao sentimento de desamparo pela perda de alguém muito querido (Lipp 2005: 29), exemplificados nas falas de Rita.

[11] Rita: — *Ela tava com medo de comer, ela tava com medo de sair sozinha, com medo de dormir, ela tava com medo de ficar sozinha, ela tava com medo de fazer alguma coisa. (Rita fala a respeito da girafa acrescentando dados a situação vivenciada pela personagem girafa.).*

Rita: — *Eles foram visitar a foca... Eles foi visitar a foca. A foca tava muito, muito, muito zangada, porque a mamãe dela morreu e depois a menininha mais o menininho não podiam nadar no lago nunca mais. Tem que olhar o papai senão o papai chora, chora e também morre e o filhinho pode ficar sozinho (sic).*

A mediação da pesquisadora, no estudo empreendido, só foi possível pela utilização do instrumento atrelado aos comportamentos mediacionais, contidos no Programa MISC, que podem ser classificados, como:

Focalização

Focar a atenção da criança em um objeto.

Solicitar que a criança nomeasse figuras.

Encenações com os personagens.

Fazer perguntas em relação ao que a criança vê.

Modulação da voz nas falas dos personagens.

Dirigir a criança diretamente chamando-a pelo nome.

Nomear comportamentos incompatíveis com os do propósito da pesquisa.

Apresentar um personagem por vez e retirá-lo após ter falado sobre ele logo em seguida.

[12] Pesquisadora narra sobre o elefante, que aguarda o aniversário e mostra o calendário usado para indicar as datas.

Pesquisadora: — *É onde ele vê as datas da semana passar sabe? Ele está esperando o aniversário dele. Ele estava ansioso demais.*

Pesquisadora vai apresentando os animais um a um:

Pesquisadora: — *Cadê mais? Vamos ver quem está aqui? (Pesquisadora se dirige ao grupo enquanto vai apresentando os animais).*

Pesquisadora diz ao apresentar a pata e o patinho: — Olha!!!(mostra a pata e seu machucado) - O que será que aconteceu?

Pesquisadora: — O próximo animal que eles foram visitar foi o...(Pesquisadora estimula as crianças a tentarem se recordar dos personagens)

Pesquisadora: —Esse aqui é o macaco!!! Essa aqui é a girafa que tinha medo de ficar sem amigos. Ela tinha muito medo mesmo!!! Por isso ela ficou estressada!!! (Pesquisadora mostra novamente o personagem de quem a criança falou e em seguida retoma a narrativa retirando o primeiro personagem de cena, no caso o macaco e apresentando o personagem seguinte do qual seguirá a narrativa: a girafa)

Pesquisadora: — Ela estava estressada. Por que será que ela estava estressada?

Pesquisadora modifica o tom de voz ao se referir à fala dos animais

Pesquisadora: (...)— Não se assuste amiguinho!!! Foi estresse! Deu estresse na bicharada e o leão está tão nervoso!!!

Pesquisadora: — Vem cá Gabi! Vem cá Jussara. Olha aqui o outro animalzinho!!!

Pesquisadora: — O que foi Walter? Você está contando os bichinhos?(Pesquisadora identifica o comportamento de Walter que demonstrava por meio do gesto e do balbucio que contava os animais para que ele voltasse a prestar atenção a narrativa).

Pesquisadora: — Olha aqui Ysrael!!! Vem cá pra você ver a historinha da oncinha!!! Vem cá pra você ver!!!

Expansão

Incentivar relatos referentes ao tema.

Acréscimo de dados à experiência imediata.

Incentivar reflexão por meio de perguntas.

Elaborar explicações sobre as situações.

[13] *Leda: —O bebê é pequenininho! E o pequenininho é pequenininho e ele é menininho e ela é mais velha. Sabe fazer tudo sozinha. E os pais não gostam dela! (L fala da situação vivida pela oncinha ao ter um irmãozinho em casa, comparando o que cada um é capaz de fazer).*

Rita:— O elefante! O elefante tava muito estressado, porque ele falava assim: Nossa! Que dia que vai ser meu aniversário?- Ele tava louquinho com o aniversário dele! Ele olhava o calendário. Ele falou assim: Que dia que amanhecer!

Marcos: —Minha mãe custurou o imbigo (sic). (Marcos fala da cirurgia de hérnia feita pela mãe ao ter conhecimentos da cirurgia da pata).

Pesquisadora:— (...) Será que tem um jeito da gente descobrir se a gente tá estressado ou não?

Gabi: — Olha! A coruja tá contando a historia por que ele tá só olhando!!! (Gabi parece compreender que a coruja narra a historia pois diz que Gabriel a acompanha e não diz nada)

Pesquisadora conversa com Weber sobre a situação do personagem elefante que espera seu aniversario enquanto ele pergunta sobre o que iria ter na festa do animal.

Weber: — E balão?

Pesquisadora: —Você já teve uma festa assim?

Weber balança a cabeça afirmativamente: — Eu fui lá na festa do meu vizinho, começou a festa da Ana (nome fictício que se refere a alguém que a criança conhece) junto com a do Ysrael!!

Pesquisadora: Foi? Nossa!!! É bom ir à festa de aniversario, não é?

Marcos pergunta sobre a situação da pata que fez cirurgia e do patinho.

Marcos: — Cadê o papai?(Weber parece querer saber onde estaria o pai do patinho)

Weber: —No ponto socorro. (Weber quer dizer Pronto Socorro)

Pesquisadora narra sobre a situação do jacaré que aparece solitário e está estressado, pois, seus pais também estão estressados.

Pesquisadora: —Por que os pais dele tavam muito preocupados, estressados. Por isso ele acabou ficando estressado também.

Kin: — Ele tava com saudades do papai. (Kin acrescenta a observação de que o jacaré estaria com saudades do pai e parece justificar a preocupação do jacaré.)

Pesquisadora: — Sua mãe pede pra você fazer muita coisa?

Daniela: — Não! Eu arrumo só a minha gaveta sem ela mandar.

(...) Daniela: Eu arrumo sozinha, se eu quiser eu arrumo. (Daniela parece perceber que a liberdade para fazer a arrumação da gaveta não lhe causa problemas e pode-se inferir que as obrigações e imposições é que são motivo de preocupação)

Daniela: Meu irmão joga bola lá na escola dele, mas ele não fica estressado!

Pesquisadora: Sua mãe já foi pro hospital? Já fez uma cirurgia?

Rita: Minha mãe já fez. Ela machucou o pé, saiu um montão de sangue!!!

(...) Lá na cerâmica o homem passou a bicicleta por cima do pé dela!!!

Mediação do significado ou Afetividade

Dar significados ou sentidos, normalmente culturais, às situações vividas.

Explicitar as situações vividas pelos personagens usando as diferenças entre elas.

Esclarecer sobre as representações feitas nos personagens e situações.

[14] Pesquisadora: — *Pode ser!!! Alguém atirou nela. Aí teve que retirar a bala. O médico cortou, tirou a bala, costurou e colocou um remédio. (Pesquisadora explicita sobre a situação vivenciada pela pata ao fazer cirurgia onde esta correu risco de vida e teve que se ausentar do lar para cuidar da saúde ficando por um tempo longe do filho.*

Leda: — *Mas a mamãe morreu!!! E não tem jeito da mamãe cuidar do filhinho ...*
(...)

Tatiana: — *Todo estressado será por quê? Porque a mamãe morreu. Aí a foquinha filhinha falou: Nossa! Coitadinha da mamãe! Aí, o macaco falou assim: Nossa!!! Eu tô estressado, porque tem muita coisa prá fazer, eu tenho que escrever, eu tenho que fazer muitas coisas. Eu tenho que coisar e jogar futebol.*

Pesquisadora: — *Não!!! A mamãe do patinho só operou! Ela ficou doente e fez uma cirurgia. A mãe da foca não teve a mesma sorte!!! Ela morreu!*

Pesquisadora: — *Não é que ela arrancou os olhinhos. Ela fechou os olhinhos. O olhinho dela está fechado! (Pesquisadora explica sobre a representação dos olhos fechados da foca indicando a morte da mesma)*

Weber pergunta sobre o leão quando vê o personagem:

Weber: — *Esse aqui cumeu a vovó?*

Pesquisadora: — *Não! Não esse não! Esse leão tava preocupado por que ele era o rei da floresta e todos os animais estavam estressados! (Pesquisadora esclarece a Weber o motivo do leão estar estressado e o diferencia de outro personagem ao qual a criança se refere).*

Weber: — *Ah!!! O do lobo come a vovó!!!*

Weber: — *Por que ele sabe?(Weber pergunta a pesquisadora por que Ysrael sabe que a foca estaria chorando)*

Pesquisadora: — *Ah!!! Por que ele já viu alguma coisa assim. Não é? Quando a gente chora não sai água do olhinho?(Pesquisadora explica sobre as lágrimas representadas nos olhos da foquinha).*

Pesquisadora: — *É. Ela estava cuidando do nenê! E ele tomava muito tempo dela, né! Por isso a oncinha ficou achando assim que o papai e a mamãe dela não gostava mais dela.(Pesquisadora explicita sobre o que poderia estar sentindo a personagem da oncinha cuja família ganhara um novo membro).*

Rita: — *O macaco... O macaco tava muito estressado por que ele tinha que escrever muito, tinha que estudar, ele tinha que treinar futebol, ir numa escola de futebol... depois ele ficou muito zangado!!! (Rita descreve a situação vivida pelo macaco e seus inúmeros afazeres e acrescenta a palavra “zangado” na situação de estresse).*

Pesquisadora: — *Ah!!! Então estresse é uma coisa ruim!!! Ele tava serio igual a esse daqui. Verdade, não é? (Pesquisadora esclarece a observação feita por Leda a respeito do macaco que parece esboçar um sorriso estando estressado e em seguida usa o leão para mostra a sua fisionomia)*

Leda: — *Ela tá assim ó!!! Ela tá com a cara assim!!! (Leda franze a testa e imita a fisionomia da girafa que se mostra de cenho franzido)*

Pesquisadora: — *Estresse faz a gente ficar bravo? (Pesquisadora instiga as crianças a retirarem suas conclusões).*

Recompensa

Elogiar os comentários das crianças.

Dar atenção e se interessar pela criança, por meio de dirigir-lhe o olhar e continuamente, mostrar-lhe a adequação de sua participação, entre outros.

Ratificar os comentários das crianças repetindo as falas das mesmas.

Solicitar que a criança fale.

- [15] Pesquisadora: *Foi o pato! Muito bem! O que será que aconteceu?*
 Pesquisadora: *Macaco jogando bola!!! Muito bem!!! É verdade!!!*
 Pesquisadora: (...) *Foram visitar a oncinha! Isso mesmo Wilson! É isso mesmo!*
 Pesquisadora: *Humm!!! Muito interessante!!! (Comentário emitido após Leda falar da fisionomia da girafa que parecia brava e por isso parecia estar estressada)*
 Pesquisadora: *A Gabi tá contando certinho!!!*
 Pesquisadora: *Nossa!!! Vocês já aprenderam um montão de letrinhas!!!*
 Pesquisadora: *Está correto do jeito que você escreveu Wilson, muito bem!!! (Enquanto a outra criança narrava a historia Wilson desenhava e mostrava o que fazia a pesquisadora)*
 Pesquisadora: *Wilson, você me disse que não você contava historia!!! Você me contou uma historia muito legal! Foi uma historia de uma festa que aconteceu na floresta!!! (Pesquisadora parabeniza Wilson por narrar a historia e antes haver se negado a fazê-lo dizendo que não daria conta).*
 Pesquisadora: *Ai meu Deus!!! Eu não sei!(...) Oh!!! A patinha tava machucada? (...) (Pesquisadora faz um comentário onde quer deixar transparecer que não sabe a respeito da historia e que a criança é quem sabe mais neste momento).*
 Pesquisadora: (...) *O que mesmo Vander que você ia falar?*

Autorregulação

Direcionar o comportamento da criança, explicando-lhe as consequências de seu comportamento, para que ela própria se autorregule.

- [16] Pesquisadora: — *Primeiro, eu vou contar a história, depois cada um de vocês vai poder contar a história para mim e pegar os animais.*
 Gabi: — *Ó Kin vem cá ó!!! (Gabi diz para Kin retornar ao grupo em tom usando um tom de voz que demonstra exibir uma ordem).*
 Gabi: — *Não pode temar não!!! Senão amanhã você não vem!!!*
 Pesquisadora: — *Kin vou pedir para deixar o gravador aí, pois senão não tem como eu gravar as vozes de vocês!!!*
 Pesquisadora: — *Primeiro vamos escutar a Gabi contar a historia depois a Jussara vai contar ou você. Ok?*
 Pesquisadora: — *Gabi vou pedir pra você ficar caladinha pra gente escutar o Kin.*
 Pesquisadora: — *Não pode por que se você arrancar não tem jeito de contar a historinha. (Pesquisadora explica a Marcos que se ele arrancasse os peixinhos do cenário não haveria como recontar a historia)*
 Pesquisadora: *Não posso! É só com ela que vocês vão assistir, tá? Eu vim só pra contar histórias!!! (Pesquisadora explica a Ysrael o motivo de não poder colocar o filme que ele queria assistir).*
 Pesquisadora: — *Oh!!! Vamos combinar assim: eu vou contar a historinha pra vocês e depois vocês vão poder contar a historinha pra mim dos bichinhos e brincar com eles. Tá bom?*
 Pesquisadora: — *Eu vou esperar você ir ao banheiro Wilson senão você vai perder um pedaço da historinha.*
 Pesquisadora: — *Espera aí, Ysrael! Você vai precisar dos bichinhos! Você vai contar a historia!!!*

*Pesquisadora: — Vou guardando para dar espaço para os outros aparecerem.
(Pesquisadora demonstra o modo com que organizou a narrativa e explica
o motivo de guardar os animais a medida que conta)*

Desse modo, a Tabela 8 sintetiza os critérios mediacionais utilizados pela pesquisadora, no intuito de que as crianças compreendessem do que se trata o estresse. Pode-se observar que, a maior frequência ocorreu no uso da focalização e a menor referiu-se à expansão.

Tabela 8 Critérios mediacionais utilizados pela pesquisadora junto às crianças

<i>Critério</i>	<i>Frequência</i>
<i>Focalização</i>	238
<i>Expansão</i>	58
<i>Mediação do Significado/Afetividade</i>	194
<i>Recompensa</i>	207
<i>Autorregulação</i>	126

Discussão

Compreender e explicar a possível presença de indicadores de estresse no dia a dia de crianças pré-escolares, por meio da escala de medida de fontes estressoras na criança (Lipp, 2005) e de recursos que possibilitam a mediação do adulto junto aos pequenos, foi o objetivo perseguido por este empenho de pesquisa que, apesar de suas modestíssimas proporções e intenções, parece lançar alguma luz sobre os aspectos em jogo na identificação do estresse infantil. A discussão dos resultados mencionados anteriormente, que ocupará este capítulo, apoia-se de modo predominante em contribuições científicas originadas da teorização e pesquisa acerca da aprendizagem mediada.

Um dado digno de atenção é o da própria constituição da amostra de mães. A maioria tem pouca escolaridade, atividade profissional instável (safristais) ou estão desempregados, o que, certamente, determina um quadro contínuo de privação material a que estão submetidas. A relação estresse e dificuldades econômicas têm sido estudadas em contexto brasileiro, conforme pesquisas de Fleck & Wagner (2003), Lopes; Faerstein, & Chor (2003) e Robaina; Lopes; Rotenberg; Faerstein; Fischer; Moreno; Werneck & Chor (2009).

Além disso, as mães sentem muitas dificuldades em lidar com os filhos. Tal dificuldade pode estar ligada à falta de tempo, ao acesso restrito às informações acerca do desenvolvimento infantil, entre outros aspectos que devem ser mais bem investigados. Contudo, das doze mães pesquisadas, apenas uma disse não se sentir estressada, o que representa menos de 10% das participantes.

Como mães de pouca escolaridade e pertencentes aos estratos desfavorecidos da sociedade entendem e costumam avaliar o estresse em seus filhos? Preliminarmente, chama a atenção o fato de que apontam uma série de fontes estressoras em suas crianças, como, na

sequência, as brigas constantes com os irmãos; o trabalho fora de casa e a piora da situação financeira familiar, de modo que todos esses indicadores somados levam a uma alta possibilidade de as crianças investigadas apresentarem problemas de saúde. Vale mencionar que, das dezesseis crianças participantes, quinze alcançaram a pontuação severa e apenas uma teve pontuação média, referente a tal quesito.

Em relação ao item acima, é interessante constatar que, entre as crianças participantes, somente uma apresentou, durante os procedimentos de coleta de dados, um grau mais elevado de estresse; as demais parecem apresentar comportamentos típicos de seu estágio de vida, como medos, ciúmes etc. Assim, uma questão que se coloca é a pertinência de tal escala para uma população como a aqui relatada, sugerindo a necessidade de novas investigações científicas.

Em relação aos dados oriundos das observações realizadas na instituição, pode-se dizer que a rotina das crianças envolve atividades de vida diária, como refeições e banho, mas também é pontuada por brincadeiras ao ar livre, no parquinho, com desenhos no asfalto, entre outras, tipicamente escolares ou conteudistas que ocorrem no período da tarde. Assim, observa-se que, a despeito da pobreza dos lares dessas crianças, a instituição propicia momentos de descontração e ludicidade, o que pode contribuir para a diminuição do peso dos estressores presentes na realidade delas.

Por outro lado, uma das mães insiste em dizer que as crianças não brincam, referindo-se ao caráter pedagógico de algumas brincadeiras. Nesse sentido, foi observado que as crianças permanecem ociosas em alguns períodos do dia, notadamente, no momento em que esperam os pais buscá-las, o que poderia talvez ser revisto na programação da creche, pois gera conflitos, brigas entre elas.

Em relação às oficinas organizadas para as crianças, utilizando-se de narrativa, uma primeira indagação se refere a sua pertinência junto aos pequenos. De acordo com os dados

coletados, o grupo de crianças com cerca de quatro anos manifestou pouco envolvimento em relação à história propriamente dita, observado pelos momentos de dispersão e apresentou maior interesse pela descrição do material, do que pelo tema, conforme se evidencia pelo excerto a seguir:

- [17] Weber: — *Esse é o macaco? (Walter aponta para o macaco enquanto Pesquisadora já estava contando a respeito da girafa e já havia falado sobre o macaco anteriormente)*
 Pesquisadora: — *Esse aqui é o macaco!.. .. Essa aqui é a girafa, que tinha medo de ficar sem amigos, ela tinha medo, muito medo mesmo! Por isso ela estava estressada!*
 Marcos: — *É o bebê?*
 Pesquisadora: — *É o bebê onça...*
 Marcos: — *E essa?*
 Pesquisadora: — *Essa também é a oncinha irmã, a mãe do bebê! (M aponta para os dois bonecos animais que representam a irmã e a mãe do bebê)*
 Marcos: — *Quem é esse daqui? (M aponta para coruja que já havia sido mostrada no início da história estando presente em toda narrativa).*
 Pesquisadora: — *É a coruja.*
 Marcos: — *E esse?*
 Pesquisadora: — *É a girafa....*

Assim, conhecer os animais, os enfeites e adereços que usavam, objetos que faziam parte da história e do cenário constituiu o motivo de curiosidade e inúmeras perguntas das crianças dos grupos de quatro anos, exigindo da pesquisadora maior empenho nessa descrição, apesar da tentativa de focar em outros pontos como, por exemplo, os acontecimentos que envolviam os animais em situações de estresse. A narrativa, quando não inexistente, limitou-se a um ou outro animal, conforme se depreende no excerto 18:

- [18] Pesquisadora: — ***Esse é o elefante, aqui ó Walter!*** (Pesquisadora tenta por meio de perguntas que as crianças de quatro anos deste grupo falem sobre as situações vividas pelos animais, mas as crianças se dispersam).
 Pesquisadora — (...) ***Uai, Walter!?! Você vai calçar meu sapato?*** (Walter coloca o pé no sapato da pesquisadora que estava descalça enquanto sentada no chão junto ao grupo para contar a segunda narrativa da história)
 Walter: — ***Vou.***
 Janete: — ***É de muiezinha!!!***
 Pesquisadora: — *É de mulherzinha?! Éh! Ele tá vendo só como é que é que usa... ..Bom! Outro animal que eles foram visitar foi o ...*(Pesquisadora mostra o elefante)
 Pesquisadora: — *O que tava acontecendo com o elefante?*
 Walter: — *Ele tava escondido.*
 Janete: — *Ele não queria o aniversario dele.*

Pesquisadora: — Ele não queria? Pelo contrário, Janete! Ele queria muito o aniversário dele!

Walter: — Ó Tia? Eu vou dormir. (Walter pega o cobertor do elefante e deita a cabeça sobre ele.)

Desse modo, a apresentação da história, simultaneamente à possibilidade de exploração dos personagens, parece ter criado uma competição entre o estímulo auditivo e o tátil-cinestésico, muito mais saliente para crianças nessa faixa etária. Hall (2003), em um estudo experimental, mostrou que a mera exposição a um estímulo pode influenciar a sua eficácia perceptiva, o que sugere a importância de se, talvez, trabalhar primeiramente com as possibilidades do tapete, para, na sequência, introduzir-se a narrativa.

Por outro lado, nos grupos de crianças com cerca de cinco anos, a forma pela qual foram organizadas as oficinas parece ter despertado maior interesse e merece ser considerada como uma estratégia adequada, para uso e estudos posteriores, pois as crianças foram capazes de narrar os fatos acontecidos com os animais, mesmo quando solicitaram à pesquisadora, a descrição de algum animal e demonstraram interesse em fazer as narrativas, o que pode ser visto no excerto 19:

[19] Pesquisadora: O outro animal que o Gabriel e a coruja foram visitar foi a girafa! A girafa também estava estressada, ela tá brava, ó. Por que você fala que ela tá brava?

Gabi: Ela tá brava por que ela tá com medo.

Tatiana: A coruja levou o Gabriel pra conhecer o leão. O leão ficou muito estressado. Aí, depois a coruja levou pra visitar a girafa.

Pesquisadora: A girafa!!! (Pesquisadora ratifica a fala de Tatiana enquanto essa reconta a história)

Tatiana: Ai.. o Gabriel falou, e a girafa falou:- Eu não podia ter amiguinhos por que, por que ... eles me bateu. Aí a coruja falou que vai levar o leão. (Nesta fala Tatiana se refere a situação vivida pela girafa)

Pesquisadora:- Pra conhecer?

Tatiana:- O elefante.

Pesquisadora:- O elefante! Muito bem! Isso mesmo!

É interessante observar a existência de episódios em que não houve, necessariamente, indicadores de estresse, mas constituíram-se em importantes situações mediacionais, conforme se depreende do excerto 20.

Durante a realização da pesquisa, o que chamou a atenção e merece destaque refere-se à capacidade das crianças de realizar várias observações sobre a temática do estresse. Algumas crianças emitiram pareceres, ratificaram situações vividas pelos animais e acrescentaram seus próprios conhecimentos de mundo, transcendendo as informações dadas.

[20] Pesquisadora: — Aí a coruja vai contar prá ele a história dos animais, o que tava acontecendo no parque. No parque, tava acontecendo que todo mundo

estava estressado. (Pesquisadora inicia a primeira narrativa e é interrompida por Rita que ouve a palavra “estressado”)

*Rita: — **O que é estressado?***

Pesquisadora: a pesquisadora não responde diretamente e tenta explicar por meio da situação vivenciada pelos animais) e conta a história do macaquinho .

*Leda: — **O que é estressado?**(Leda insiste em saber a definição e demonstra ainda não compreender o que a pesquisadora pretende ao não responder diretamente)*

Pesquisadora: — Porque tinha muita coisa para o macaquinho fazer, ele tinha que treinar futebol, ele tinha aula de inglês dos bichos, judô, escola dos animais, ele estava muito, muito atarefado.

*Leda: — **Mas ele tá rindo.**(Leda parece compreender o sentido do que a palavra estresse quer dizer na situação vivida pelo macaco)*

Pesquisadora: — Por isso ele ficou estressado, foi o que explicou a coruja... ... Você acha que se ele tivesse estressado ele não tava rindo?

*Leda: — **Se tivesse estressado não tava rindo.***

Pesquisadora: — Ah! Então estresse é uma coisa ruim?! Ele estava sério igual a esse daqui, verdade, não é? (Pesquisadora mostra o rosto do leão de cenho franzido)

*Leda: — **Esse daqui não tá estressado.***

Pesquisadora: — Ele não tá estressado!?

*Leda: — **Porque olha a boquinha dele, ele tá rindo!***

Dessa forma, as crianças parecerem compreender o que é o estresse e de que maneira ele pode estar presente no dia a dia de suas vidas, como, por exemplo, quando nasce um irmãozinho, quando se tem medo de ficar só, haja vista que tais crianças vivem em um contexto, onde existem várias formas de violência, como se pode verificado no excerto 21:

[21] *P pergunta: — O que o delegado foi fazer na sua casa?*

*Wilson responde: — **Matar o Grande.**(Grande se refere ao apelido dado a um traficante, que reside no mesmo bairro onde mora Wilson)*

*Tatiana diz :- — **Mataram o tio da menina, que mora perto da minha casa, só que ele é grande, ele matou o Gordo.** (Havia ocorrido um assassinato no bairro onde fica a instituição e a mãe de Wilson também chegou a comentar a respeito na entrevista)*

Pesquisadora pergunta: — Quem te deu essa arma de brinquedo?

Wilson: — Eu comprei.

Pesquisadora pergunta: — E onde é que você viu uma arma?

*Wilson responde: — **Na rua. O delegado matou um homem. Matou o Grande.***

Já no próximo trecho [22] a criança expressa a ansiedade da espera pelo fato de se encontrar sozinha sem a presença da possível proteção materna.

[22] *Pesquisadora: — O que você queria muito que chegasse e demorava, você queria, queria e tava demorando? (aqui Pesquisadora se refere à situação vivida pelo personagem do elefante à espera do aniversário.)*

*Tatiana: — **Foi quando a minha mãe saiu, e tava demorando e eu tive que ficar sozinha.***

A despeito das dificuldades iniciais com as crianças menores, de um modo geral, tem-se que elas demonstraram gostar dos materiais usados e de participarem das oficinas a ponto de não quererem que se encerrassem. Mesmo quando a narrativa ocorrera pela segunda vez e o tapete, a história e os animais não eram mais novidade: **Eba!!! De novo!!!** (*Gabi tece este comentário quando pesquisadora irá iniciar a segunda narrativa.*)

[23] Rita: — **Hoje foi mais divertido**
 Pesquisadora: — *Do que os outros dias?*
 Rita: — **É.**
 Pesquisadora: — *Por que?*
 Rita: — **Mais é bão!!!**
 Pesquisadora: — *É bom ficar aqui?*
 Rita: — **É bão! Só que hoje, nois ficou mais aqui do que naqueles dias**
 (*sic*).

Além disso, o uso do tapete e dos animais estimulou o desejo de recontar as histórias. Houve crianças que passaram a contar suas próprias histórias, criando outros motivos, acrescentando novas ações dos personagens, isto é, transcendendo ou expandindo em relação ao critério mediacional. Vale apontar que, de acordo com os fundamentos do programa MISC, a criança que é efetivamente mediada, torna-se também um mediador (Klein, 1996).

Considerando tal aspecto acima levantado, chamam a atenção as observações feitas pelas crianças ao instrumento utilizado, que poderão ser incorporadas, a fim de torná-lo mais eficiente e adequado para o trabalho junto aos pequenos. Como exemplo, pode ser citado o fato de uma das crianças, ao se referir à fisionomia do macaco, comentar que a sua face esboçava um sorriso e que, na situação vivenciada, o sorriso parecia estranho, pois o macaco vivia estressado, devido às múltiplas atividades que tinha que cumprir e, portanto, não deveria esboçar um sorriso.

[24] Leda: **Se tivesse estressado não tava rindo!**

Outra contribuição das crianças ao instrumento se refere à dificuldade de compreender a expressão facial exibida pela foca falecida, pois os seus olhos foram bordados com o uso de linha diferentemente de seus familiares, dando a impressão de terem sido arrancados. Como opção pode-se colocar olhos que possam abrir e fechar uniformizando a apresentação.

A cama do elefante também foi motivo de observações pelas crianças. A pesquisadora evitava colocá-la, pois a sua representação no material EVA ficou estranha ao ser representada. A melhor forma seria uma cama em três dimensões feita com material dobrável ou para montagem durante a narrativa.

[25] Ysrael: **Isso aqui tá parecendo um cachorro!** (Ysrael comenta que a cama se assemelhava a um cachorro).

As crianças também falam sobre os bonecos que representam a mãe e a filha na família de Gabriel e enfatizam a necessidade de uma diferenciação clara, pelo menos, no tamanho ou na vestimenta.

[26] Pesquisadora: *É a mamãe dela. (Pesquisadora esclarece que a boneca é a mãe e não outra menina)*
 Kin: **A mamãe?**
 P: *É.*
 Kin: **Eu pensei que era duas amigas.**

Há também a necessidade de se adaptar os animais àqueles que sejam conhecidos ou usá-los considerando a realidade de cada grupo de crianças.

[27] Pesquisadora: *Lá eles encontraram muitos bichos, muitas árvores, lá tinha muitos bichos: jacaré, tinha elefante, tinha onça, tinha leão...*
 Ysrael: **Tinha sapo.**
 Pesquisadora: *Sapo, não tinha! Tinha coruja. (...)*
 Pesquisadora: *(Se referindo a foca e sua família) O próximo animalzinho, a casinha do próximo animalzinho que eles foram visitar foi a casinha da...(P pega a foca e mostra as crianças)*
 Elias: **Baleia!**
 Sara: **Baleia!**
 Pesquisadora: *Ah!!! Parece uma baleia, mas é a foca!*

A despeito da necessidade de ajuste do *kit* elaborado para a presente pesquisa, vale apontar que ele propiciou às crianças transcenderem as situações vivenciadas, haja vista que, durante as narrativas, falaram sobre acontecimentos que poderiam contribuir para deixá-los mais estressados, que se relacionam com vários estressores, como já foi anteriormente mencionado, como, por exemplo, o nascimento de um irmão. Assim, Rita elabora seu pensamento ao mesmo tempo em que narra e suas palavras são marcadas por interrupções de sentido nas frases (a mãe dela... dormia na cama da mamãe..) e conta o quanto parece ser complicado viver numa família onde um bebê nasce e há outras crianças que precisam de cuidado por ainda serem ou sentirem necessidade de cuidados e terem agora que conviver com o choro do bebê. Ao nascer um irmão, Rita conta que só o bebê dorme na cama da mamãe e assinala que se instala outra perda, a perda do lugar ao lado da mãe no leito para dormir.

Outros aspectos que merecem atenção nos relatos das crianças referem-se à presença da sexualidade, o que pode ser explicado por ser um momento em que a identificação sexual se constitui como importante fator de constituição da personalidade humana, em que a

erotização genital confere o interesse delas para a percepção das diferenças sexuais (Fiori 1981).

A pesquisa preocupou-se em saber quais são os critérios mediacionais que podem ser utilizados pelos mediadores para o trabalho junto às crianças, de modo que possa otimizar o reconhecimento do estresse em si e nos outros, considerando que sua pouca idade exige uma série de estratégias para iniciar a avaliação da existência ou não de estresse. Assim, no presente estudo, a própria pesquisadora assumiu o papel de mediadora, tendo, para tanto, lançado uso dos seguintes critérios mediacionais, na presente ordem: *focalização; recompensa; mediação do significado; auto-regulação e expansão*.

Focalizar significa tentar manter a atenção da criança focada ou direcionada para o que deve ser ensinado e, nesse critério, a criança deve emitir comportamentos verbais ou não, relativos à intencionalidade do mediador. Assim, como a mediadora/pesquisadora queria ensinar o conceito de estresse para as crianças, é esperado que seja utilizado tal critério, em um número expressivo de situações. Além disso, por se tratar de crianças pequenas, outro critério importante para efetivar a mediação, diz respeito à recompensa, em que a mediação se dá por um *feedback* rápido e esclarecedor acerca da adequação de seus comportamentos. Em relação à mediação do significado ou afetividade, pode-se pensar na importância que assume neste trabalho, em que continuamente foi necessário dar significado a sentimentos que envolvem o estresse, como por exemplo, o medo manifestado pelas crianças. A autorregulação também esteve presente, haja vista a sua necessidade para regular o comportamento das crianças e fazerem com que planejem antes de agir. Em relação ao critério expansão, neste estudo, esteve em menor frequência, possivelmente por se trabalhar com crianças pequenas, nas quais a manutenção da atenção é uma condição imprescindível para qualquer ensinamento, houve maior necessidade de se focalizar, do que propriamente de transcender as informações aprendidas.

Considerações Finais

À luz da pesquisa realizada e das tendências na literatura pertinente, algumas questões podem ser consideradas e reconsideradas, servindo quer como pontos de reflexão para pesquisas adicionais, quer como propostas acerca da importância de se conhecer e avaliar os indicadores de estresse na criança pré-escolar.

Estudar o estresse na criança pequena torna-se pertinente, pois várias patologias que aparecem ou se iniciam na infância, quer de natureza comportamental, quer descumprimento de regras sociais, problemas de conduta, além de depressão, birras, choro excessivo, entre outros, quer de natureza orgânica, como distúrbios na saúde física (alergias, intolerâncias alimentares, obesidade, asma, doenças dermatológicas etc) podem estar relacionadas ao estresse existente na família e no entorno de que a criança participa (Dessen & Szelbrackowski, 2004; Pereira & Tricoli, 2003; Abreu & Fisberg, 2003).

Nesse sentido, a detecção de sintomas de estresse quando realizados precocemente, ainda no estado de resistência ou quase-exaustão, pode, inclusive, prevenir problemas futuros desde que as enfermidades não afetem grande parte do organismo (Lipp, 2003). Além disso, as respostas do organismo aos eventos estressores dependem do quanto o indivíduo é suscetível ou não ao desenvolvimento de patologias. Em outras palavras, a vulnerabilidade em responder às situações estressantes determina a possibilidade de desenvolvimento de patologias na criança.

A sociedade contemporânea, repleta de estímulos das mais diversas ordens, tem buscado construir um ser humano cada vez mais competitivo, dotado de um grande número de habilidades necessárias para um mundo em contínuas e rápidas mudanças. Assim, grandes esforços têm sido efetivados para capacitar a criança para a vivência nesse contexto acelerado, que se desenha nas grandes cidades. Para tanto, exclui-se o tempo para as brincadeiras,

inerentes ao adequado desenvolvimento infantil e acrescentam-se várias outras atividades, representadas pelas aulas de Inglês, judô, natação, informática, nas quais a *performance* da criança já começa a ser avaliada, aproximando-se dos moldes do mundo adulto.

Dentro desse contexto, embora a criança disponha de 100 linguagens para se expressar, como ensina o educador italiano Mallaguzzi (1996), muitas vezes, por se aproximar do modelo adultocêntrico, que permeia as sociedades modernas, disponibilizam-se poucas linguagens e as formas de manifestação infantis ficam restritas ou dependentes prioritariamente da fala. Assim, o conhecimento sobre o estresse e as possibilidades de identificá-lo em si podem contribuir para a melhor compreensão da própria criança do que lhe acomete e até mesmo, comunicar-se com seus pais e/ou responsáveis.

O instrumento elaborado para este estudo e intitulado “Deu estresse na bicharada!” pode facilitar a compreensão e a comunicação da criança de situações, cuja vivência subjetiva, não raras vezes, passa despercebida dos familiares e das pessoas próximas. Assim, a identificação propiciada pelo instrumento, com os colegas e com os personagens, parece tornar favorável o alívio dos possíveis sintomas, como medo, rejeição e outros, pelo fato de a criança poder expressar e compartilhar seus sentimentos.

Vale apontar a pertinência da aplicação do instrumento a pequenos grupos, pois facilita o confronto e a troca de diferentes pontos de vista, objetivando uma síntese do grupo. Neste estudo, foi possível observar que o uso do tapete de histórias constituiu um instrumento adequado, principalmente, para uso com crianças de cinco anos.

As crianças de quatro anos não responderam tão eficazmente ao procedimento adotado, possivelmente, por se haver trabalhado com dois estímulos simultâneos (auditivo e cinestésico), dependentes da atenção da criança, que, nessa idade, é direcionada pelo impulso em realizar perguntas em uma curiosidade quase que insaciável sobre tudo que a cerca, desprivilegiando as respostas (Brazelton e Sparrow 2003). Isso explicaria a quantidade de

perguntas dirigidas aos adereços e aos personagens em detrimento da situação vivida por eles. Pela análise dos resultados, as produções de narrativas foram insuficientes para a investigação sobre o que pensam sobre a temática. As crianças emitiram poucos ou nenhum comentário a respeito do tema, se comparados aos grupos de crianças de cinco anos, sendo necessário maior mediação da pesquisadora.

Desse modo, a identificação do estresse em crianças pequenas é uma tarefa difícil, crianças com idades de três, quatro anos têm dificuldade de se referir ao que sentem (Lipp e Novaes 2003), provavelmente devido à própria característica do período etário. Além disso, vale esclarecer que muitas dos estressores mencionados pelos autores, na verdade, constituem episódios esperados no desenvolvimento, por exemplo, a questão de quadros de dores abdominais pode ser fruto da adaptação do organismo à alimentação; a enurese pode estar associada ao manejo dos pais no ensino do controle esfinteriano ou, ainda, com o próprio curso do desenvolvimento, segundo Brazelton e Sparrow (2003), a enurese não pode ser considerada como problema, até que a criança atinja seis ou sete anos.

Vale também mencionar que a imaturidade do sistema imunológico infantil contribui para o aparecimento de patologias na criança pequena, conforme esclarecem Ortigão-de-Sampaio e Branco (1997), as defesas do organismo se desenvolvem lentamente no primeiro ano de vida, mas são ainda precoces na razão de 10 a 15%, se consideradas em relação às defesas do adulto, o que deixa a criança suscetível a um grande número de doenças, muitas delas oportunistas.

Outro dado sobre o qual a pesquisa lança luz refere-se à consideração dos indicadores da literatura presentes na Escala de fontes estressoras para crianças (Lipp, 2005), haja vista que, nas entrevistas com as mães, as crianças alcançaram pontuações indicativas de um período de *quase exaustão e exaustão*, o que não pode ser confirmado, por meio dos procedimentos utilizados durante as oficinas. Há, portanto, que desconfiar da precisão da

escala de fontes estressoras na criança (Lipp, 2005) pois de modo geral, as crianças se mostraram ativas, dispostas e alegres.

De todas as crianças participantes, apenas uma demonstrou apresentar sintomas de estresse. Tal achado é bastante significativo, pois mostra a contradição existente entre as falas das mães na avaliação da escala e posterior entrevista e os dados diretamente observados junto às crianças. Daí tem-se a pertinência de se realizarem investigações com as crianças, dando-lhes voz e acreditando serem sujeitos competentes na sua expressão. A partir da avaliação das mães, depreende-se que, muitas vezes, elas consideram problemáticas, situações que, para a criança, não representam grandes transtornos. Como exemplo, pode-se citar o fato de as mães considerarem como evento estressante, brigas entre irmãos, o que pode estar apenas relacionado ao aprendizado do convívio social, em que as crianças vão aos poucos aprendendo a compartilhar e a respeitar os limites dos outros, socializando-se, enfim.

Desse modo, a pesquisa ora relatada, mostrou a importância que assume a consideração do ponto de vista infantil. Por meio das narrativas realizadas, elas puderam acrescentar novas ideias sobre o que poderia ser considerado como evento estressor na vida das crianças, como foi encontrado nas falas de Kin, que narra a história da girafa que tem medo de fazer amigos e acrescenta o comentário de que a girafa tem medo de que os outros a agredam fisicamente justificando o comportamento da girafa (*Ela tem medo que batam nela*), quando Wilson diz que o pai fica bravo com o filho por que este não quer dormir, referindo-se à história do elefante que não consegue adormecer, devido à ansiedade, ou quando Gabi fala da dificuldade de adaptação à nova realidade ao ter a cama molhada pelo irmão menor e a perda do lugar na cama da mãe marcada pelo nascimento do novo membro da família. Todos esses eventos fizeram parte das narrativas que aconteceram no contexto do tema estresse e merecem ser considerados também em investigações futuras como possíveis eventos estressores de acordo com a população estudada.

Embora a amostra do presente estudo seja bastante modesta, em termos de representatividade e, ainda, embora não se tenha encontrado indicadores de estresse na grande maioria das crianças participantes, acredita-se que novos instrumentos necessitam ser criados para permitir uma avaliação mais acurada da realidade em que vivem tais crianças. Realidade que, infelizmente, faz parte de uma parcela significativa de brasileiros, na qual expressivos fatores de risco estão presentes em seu cotidiano, como: problemas familiares, separações dos pais, morte na família, violência. Assim, tal dado merece ser mais bem investigado, pois, como crianças submetidas continuamente a tantos e importantes estressores não apresentam sintomas de patologias ou outros distúrbios originados pelo estresse?

Uma das possíveis respostas a questão acima mencionada, pode ser dada por meio dos conceitos de resiliência, vulnerabilidade e fatores de proteção. Desse modo, *resiliência*, pode ser entendida como “habilidade de superar adversidades” (Zimmerman e Arunkumar, 1994: 4). Por outro lado, *vulnerabilidade* refere-se à predisposição do indivíduo em desenvolver doenças ou comportamentos inadequados em situação de crise e *fatores de proteção* podem ser compreendidos como auxiliares do indivíduo na superação de obstáculos e dificuldades, os protegendo ou contribuindo para alterar suas respostas (Rutter, 1989).

Neste estudo, as crianças parecem ser resilientes e também dispõem de fatores de proteção. Entre eles, talvez a creche possa ser considerada como um fator protetor, considerando que as crianças ali permanecem cerca de oito horas por dia, são alimentadas e cuidadas, estando, de certa forma, durante esse período, livres das privações que a carência financeira impõe. Hutz, Koller e Bandeira (1996) consideram a instituição escolar para crianças em situação de risco social ou pessoal, como promotora do desenvolvimento, pois há a possibilidade de se ter apoio, proteção contra a violência doméstica, entre outros fatores.

A presente pesquisa buscou contribuir com uma forma factível de conhecimento e avaliação do estresse em crianças pré-escolares, por meio da tentativa de agregar os

conhecimentos da própria teoria acerca do estresse, com as possibilidades previstas por meio de mediações adequadas. Acredita-se na pertinência do instrumento elaborado, pois, ao mesmo tempo em que avalia um sinal ou sintoma, pode propiciar a expressão dos sentimentos infantis, tendo na ação avaliativa a possibilidade da intervenção.

De tudo o que foi dito, pode-se concluir que a compreensão do estresse infantil deve ser continuamente investigada, de modo que se possa dispor de instrumentos fidedignos, capazes de, efetivamente, avaliar quadros de estresse na infância, haja vista que, com as transformações inerentes à exigente sociedade globalizada, vários sintomas de estresse deverão estar presentes em maior número e de modo cada vez mais frequente junto às crianças. Além disso, as pesquisas mostram que a detecção de problemas associados à saúde mental tem menor impacto à medida que são realizados precocemente (Halpern e Figuerias, 2004). Assim, a devida avaliação e encaminhamentos adequados podem promover um desenvolvimento saudável em todos os aspectos e contribuir para a compreensão do intrincado quebra-cabeça que se constitui a construção de um ser humano.

Referências

Abreu, C. L. M. & Fisberg, M. *Recusa Alimentar: O que fazer com a criança que não come?* Disponível em: http://www.nutrociencia.com.br/upload_files/artigos_download/A. Acesso em: 26/10/2009.

Aguiar, Sâmia Mustafa *et al.*. *Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de Medicina*. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 1, 2009. Disponível em: www.scielo.br/scielo - Acessado em 12/09/09.

Áries, P. (1981). **Historia Social da criança e da família**. 2ª. Ed., Rio de Janeiro: LTC.

Bignotto, M. M. (2005). O papel dos pais na prevenção do stress infantil. In: Lipp, M.E.N. *Crianças estressadas: causas, sintomas e soluções*. Campinas, SP: Papirus, 4ª. Ed

Bellak, (1992). Teste de Apercepção Temática – CAT-A.

Brazelton, T. B. (2003). *Três a seis anos: momentos decisivos no desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Campos, D. M. (1995). *O teste do Desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 26ª. ed..

Coutinho, V. (2007). *Arteterapia com crianças*. Rio de Janeiro: Ward.

Dieckmann, H. (1986). *Contos de Fadas vividos*. São Paulo: Paulinas

Dessen, M. A. & Szelbracikowski, A. C. (2004). Crianças com Problemas de Comportamento Exteriorizado e a Dinâmica Familiar. *Interação em Psicologia*, 8(2), p. 171-180.

Feuerstein, R. (1980). *Instrumental enrichment*. Baltimore, MD: University Park Press.

Fiori, W. R. (1981). Desenvolvimento emocional. In: Rapport, C. R. *Psicologia do Desenvolvimento*. São Paulo: EPU.

Fontana, D. (1994). *Estresse: Faça dele um aliado e exercite a autodefesa*. São Paulo: Saraiva, 2ª. ed.

Formosinho, J.O. (2008). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora.

Fleck, A. C. & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8 (num. esp.), p. 31-38.

Franca, C. A., Leal, E. Q. (2003). A influência do stress excessivo no desenvolvimento da criança. In: Lipp, M. E. N. *Mecanismos Neuropsicofisiológicos do Stress: Teoria e Aplicações Clínicas*. 79-83, São Paulo: Casa do Psicólogo.

Galimberti, U. (2007). Os perigos da técnica. *Revista Educação*, 124. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12233>

Góis, C. A. (2006). O uso da narrativa e do lúdico para a identificação e tratamento do estresse infantil. *Pensando Famílias*, Campinas 10 (1), jun. 89-99.

Greig, P. (2004). *A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. Porto Alegre: Artmed.

Guimarães, S. S. (2003). Valores e princípios: aprendi assim...Em Lipp, M.N.(org). *O stress está dentro de você*. 63-64. São Paulo: Editora Contexto.

Hall, G. (2003). Learned changes in the sensitivity of stimulus representations: Associative and nonassociative mechanisms. *The Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 56B (1), 43-55.

Halpern, Ricardo; Figueiras, Amira C. M.. Influências ambientais na saúde mental da criança. *J. Pediatr.* (Rio J.), Porto Alegre, v. 80, n. 2, Apr. 2004 . www.scielo.br/scielo.php Acessado: 25/09/09

Horta, L. R. (2007) *Estresse infantil: Um estudo exploratório com pré-escolares. Dissertação (Mestrado)*. Universidade Federal de Uberlândia.

HUTZ, C.; KOLLER, S. H.; BANDEIRA, D. R.(1996) Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. *Coletâneas da ANPEPP*, v. 1, n. 12, p. 79-86.

Joly, M. C. R. A. Marjorie C. R. Nunes, M. F. O. Souza, M. S. (2007) Análise da produção científica em painéis dos congressos brasileiros de avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, dez vol 6, no. 2. 239-252.

Katz, L. (1999). O que podemos aprender com Reggio Emilia? Em: Edwards, C. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed.

Klein, P. S. (1996 a). *Early intervention: Cross-cultural experiences with a mendiatonal approach*. New York: Garland Publishers.

Klein, P. S. (1996 b). *Early childhood education: Seventy-first yearbook of the National Society for the Study of Education*. Chicago: University of Chicago Press.

Lipp, M. E. N. (2005). (org.). *Crianças estressadas: causas, sintomas e soluções*. Campinas: Papirus, 4^a. ed..

Lipp, M. E. N., Lucarelli, M.D.N. (1998). *Escala de Stress Infantil: ESI: manual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lipp, M. E. N. (2000). *Manual do Inventário de Sintomas de Stress em Adultos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lipp, M. E. N.(2003). (org.). *Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: teoria e aplicações clínicas*. (2003) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lipp, M. E. N. (2003) O tratamento psicológico do estresse. In: Lipp, M . E. N. (org) *Mecanismos neuropsicológicos do stress: teoria e aplicações clinicas*. (2003) São Paulo: Casa do Psicologo.

Lipp, M. N. Novaes, L.E. (2003) O stress. 5 ed. São Paulo: Contexto.

Lopes, C.S.; Faerstein, E. & Chor, D. (2003). Eventos de vida produtores de estresse e transtornos mentais comuns: resultados do Estudo Pró-Saúde. *Cad. Saúde Pública* , 19 (6), p. 1713-1720.

Lowenfeld, V., Brittain, W. L., (1977). *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Editora Mestre Jou.

Malaguzzi, L. Your image of the child: where eaching begins. *Child Care Information Exchange*, 96, 1994, p. 52-61.

Martins, M. C., Picosque, G., Guerra, M. T. T. (1998) *Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD.

Mauad, A. M. (2008). A vida das crianças de elite durante o Imperio. Em: Del Priore (org). *Historia das crianças no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Contexto

McEwen, B. S. (2003). *O fim do estresse como nós conhecemos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

McFarlane,A. e cols. (2007).The impacto of early life stress on psychophysiological personality and behavioral measures in 740 non-clinical subjects. *Journal of Integrative Neuroscience* 4,27-40.

Oaklander, V. (1987).*Descobrimdo crianças*. São Paulo: Summus, 7^a. ed.

Oliveira-Formosinho, J. (2008) (org). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora.

Ortigão-de-Sampaio, M.B.; Castello-Branco, L.R.R.. Imaturidade imunológica fetal e neonatal: implicações na evolução clínica da infecção pelo HIV-1 em crianças. *Rev. Assoc. Med. Bras.*, São Paulo, v. 43, n. 1, Mar. 1997 . www.scielo.br/scielo.php. Acessado: 22/10/09

Padilha, S. Noronha, A. P. P. Fagan, C.Z.(2007). Instrumentos de avaliação psicológica: o uso e parecer de psicólogos. *Avaliação psicológica*, 6(1) p.69-76.

Pereira, M. M. B. Tricoli, V. A. C. (2003) A influência do meio ambiente e de práticas parentais na vulnerabilidade ao stress. Em: Lipp, M. E. N. *Mecanismos Neuropsicológicos do stress: Teoria e Aplicações Clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ramos, F. P., (2008). A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. Em: Priore, M. D. (org) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Range, B. (2004) Influência das cognições na vulnerabilidade ao stress. In: Lipp, M. E. N. (org). *Mecanismos Neuropsicofisiológicos do stress: Teoria e Aplicações Clínicas*. São Paulo: Casa Psicólogo.

Ribeiro, M. A. H. W. (2007) Lendo Mitos, Fábulas, Contos – fios metafóricos da historia da humanidade. *Educação: Teoria e Prática*- v. 16, n. 28, jan-jun, p. 79-99.

Robaina, J.R; Lopes, C. S.; Rotenberg, L.; Faerstein, E.; Fischer, F. M.; Moreno, C. R. C; Werneck, G. L.&Chor, D. (2009).Eventos de vida produtores de estresse e queixas de insônia entre auxiliares de enfermagem de um hospital universitário no Rio de Janeiro: estudo Pró-Saúde. *Rev. bras. epidemiol.*,12(3):501-509.

Rocha, E. A. C. (2002) Criança e infâncias: uma categoria social em debate. Em: *III Congresso de Arte-Educação de Blumenau*, maio.

Rodrigues, M. C. & Oliveira, P. A. (2009). Análise de livros infantis para a promoção de desenvolvimento sócio-cognitivo em pré-escolares. *Estudos de Psicologia*, 26 (2), 185-194.

Santos, A. A. A. Pacarano, S. V. (2007) Avaliação do estresse no contexto educacional: analise da produção de artigos científicos. *Avaliação Psicológica*. v. 6. no. 2 Porto Alegre, dez.

Scarano, J. (2008) A historia trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. Em: Priore, M. D. (org). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Silveira, N. (2001). *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Ática, 2ª. ed.

Simonton, O. C. (1987). *Com a vida de novo: uma abordagem de auto-ajuda para pacientes com câncer*. São Paulo: Summus.

Simmons, R. (2000). *Estresse: Esclarecendo suas dúvidas*. São Paulo: Agora.

Slee, Murray-Harvey & Ward (1996). Stressed Out & Growing Up. Every Child: School of Education: *Flinders University*, vol 2. n. 4.

Tavares, M. C. G. C. (2004). *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento*. Barueri: São Paulo: Manole.

Vectore, C. (1998) O Centro Dei Bambini e Delle Famiglie: Uma Nova Possibilidade Para O Atendimento de Crianças. *Psicologia Escolar e Educacional*, CAMPINAS - SP, v. II, n. 1, p. 33-42.

Vectore, C. (2003) O brincar e a intervenção mediacional na formação de professores da Educação infantil. *Psicologia USP* 14 (3) 105-131

Vectore, C. ; Carvalho, C. . Um olhar sobre o abrigo: a importância dos vínculos em Contexto de Abrigo. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, p. 441-448, 2008

Vieira, M. J. F. (2002) As funções orgânicas diante do estresse. Em: Arantes, M. A. A.C. (org) *Estresse*. São Paulo: Casa do Psicólogo (Coleção Psicanalítica)

Vygotsky, L. S. (2002). *A formação social da mente*. 6ª. Ed. – São Paulo: Martins Fontes.

Zimmerman, M. A.& Arunkumar, R. (1994) .Resiliency research: implications for schools and policy. *Social Policy Report: Society for Research in Child Development*, 8 (4), 1-18.

Apêndice

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PAIS:

Data da entrevista: _____

Entrevistado(a): _____ Escolaridade: _____

1) Nome da criança: _____

2) Idade: _____

3) Data de nascimento: _____

4) Número de irmãos: _____

5) Idade da mãe: _____

6) Profissão: _____

7) Idade do pai: _____

8) Profissão: _____

9) Genetograma:

10) Período em que estuda: () manhã () tarde () período integral.

11) Condições sócio-econômicas:

() classe baixa () classe média () classe alta

12) Seu filho(a) apresentou alguma mudança de comportamento nos últimos meses?

Quais? _____

13) Você está se sentindo estressado ultimamente? _____

14) Houve alguma mudança no meio familiar? Mudança de escola, de cuidadora (babá), cidade ou casa? _____

15) Seu filho tem outras atividades durante o dia? Quais? Quantas vezes por semana?_____

16) Como é a rotina dele (a)?_____

17) Você acredita que ele tem muito tempo para brincar?_____

18) Você acredita que ele brinca o suficiente?_____

19) Seu filho (a) teve que passar por alguma hospitalização recentemente? Por que? Por quanto tempo?_____

20)A família ou a criança aguardam algum acontecimento especial? Nascimento de algum bebê, festa de aniversário, comemoração?_____

21)Houve alguma doença, morte na família recentemente? Qual o grau de proximidade da criança/família? Como se deu o falecimento?

23)Houve algum acontecimento que exigiu maior esforço por parte da criança para aceitar?_____

24)Houve alguma separação do casal?_____

25)Você tem trabalhado muito? Tem se sentido muito cansado?_____

26)Quando está em casa o que faz para descansar?_____

27) O que faz para se divertir, relaxar? _____

28) Há alguém na família que você acredita que esteja estressado (a) que se relacione diretamente com seu filho(a)? _____

29) Você se sente estressado? Por que? _____

30) Seu filho tem apresentado alguns dos sintomas físicos abaixo nos últimos meses?

- ☐ dores abdominais
- ☐ dor de barriga
- ☐ diarreia
- ☐ distúrbios do apetite
- ☐ dores de cabeça
- ☐ náuseas
- ☐ hiperatividade
- ☐ enurese noturna
- ☐ gagueira
- ☐ tensão muscular
- ☐ ranger os dentes
- ☐ dificuldade para respirar
- ☐ dores nas pernas e braços
- ☐ distúrbios do sono

31) Seu filho tem apresentado alguns dos sintomas psicológicos abaixo?

- ☐ ansiedade
- ☐ terror noturno
- ☐ pesadelos
- ☐ dificuldade nas relações interpessoais
- ☐ introversão súbita
- ☐ desânimo/apatia
- ☐ insegurança
- ☐ agressividade
- ☐ choro em demasia
- ☐ tristeza
- ☐ depressão
- ☐ birra
- ☐ medo excessivo

32) Há algum fato ou algo que você queira
mencionar? _____

33) Impressões do entrevistador: _____

Anexo

Escala de Fontes Estressoras na criança.

(Retirado do livro: “Crianças estressadas” – Marilda N. Lipp Ed. Papirus)

Nome do pai ou responsável: _____

Nome da criança: _____

Idade: _____ anos e _____ meses. Sexo: () Masculino () Feminino

Assinale as situações pelas quais a criança passou nos últimos 12 meses:

- | | |
|---|--|
| 1___ Morte de um dos pais. | 24___ Início de atividade extracurricular. |
| 2___ Morte de um dos irmãos. | 25___ Aborrecimento com avós ou tios. |
| 3___ Divórcio dos pais. | 26___ Briga com colegas da escola. |
| 4___ Morte de parente próximo. | 27___ Prêmio ou realização pessoal extraordinária. |
| 5___ Hospitalização da criança | 28___ Mudança de responsabilidade em casa. |
| 6___ Doença ou acidente pessoal. | 29___ Morte ou perda de animal de estimação. |
| 7___ Novo casamento de um dos pais. | 30___ Viagem de férias com a família. |
| 8___ Perda de emprego de um dos pais. | 31___ Mudança de babá ou empregada. |
| 9___ Reconciliação dos pais. | 32___ Mudança de amigos. |
| 10___ Nascimento de um irmão. | 33___ Passar a frequentar colônia de férias. |
| 11___ A mãe ir trabalhar fora. | 34___ Brigas constantes com os irmãos. |
| 12___ Dificuldade com a professora | 35___ Ganhar videogame ou computador. |
| 13___ Doença de um amigo íntimo. | 36___ Festa de aniversário. |
| 14___ Mudança de situação financeira | 37___ Não ser convidada para festa de colegas. |
| 15___ Ser assaltada, roubada. | 38___ Sofrer punição injusta. |
| 16___ Ser ridicularizada na sala de aula. | 39___ Mudanças de hábitos alimentares. |
| 17___ Ser rejeitada por alguém emocionalmente importante. | 40___ Mudança de hábitos de dormir. |
| 18___ Sofrer ameaça de violência na escola e na rua. | |
| 19___ Mudar para outra cidade. | |
| 20___ Doença de parente próximo. | |
| 21___ Um amigo começa a usar drogas. | |
| 22___ Mudança de escola (creche). | |
| 23___ Gravidez da mãe. | |